



FILE

3X4

EXPEDIENTE

3x4

UFRGS/ FABICO

PRODUÇÃO 2016/1

JORNALISMO IMPRESSO III

REDAÇÃO

ALESSANDRA WERLANG

ANDREAS WEBER

ANIELE BERNST

CALEU NUNES

CAROLINA CATTANEO

GABRIEL GRINGS

DIANA CORTI PULGA

ISADORA AIRES

ISADORA DUARTE

KARINE MENONCIN

LETÍCIA PALUDO

LUÍSA RIZZATTI

MARIANA BAMPI

MARTA KARRER

MATHEUS NIETTO

PAULA DI LEONE

RICARDO PEREIRA

RODRIGO FRONZÁ

VINÍCIUS DUTRA

ORIENTAÇÃO

WLADYMIR UNGARETTI

COMISSÃO EDITORIAL

DIANA CORTI PULGA

KARINE MENONCIN

LETÍCIA PALUDO

PROJETO GRÁFICO

LUÍSA RIZZATTI

VINÍCIUS DUTRA

CAPA

MATHEUS SANTA CRUZ

REVISÃO

DIANA CORTI PULGA

KARINE MENONCIN

LETÍCIA PALUDO

MATHEUS NIETTO

PALOMA FLECK

IMPRESSÃO

GRÁFICA DA UFRGS

POR UMA PEDAGOGIA LIBERTÁRIA, SEMPRE

WLADYMIR UNGARETTI

Este é o meu último número do **3X4** como professor/editor. Durante os últimos 23 anos trabalhei em sala de aula perseguindo o exercício do jornalismo. Mesmo com as limitações decorrentes e impostas pelo ambiente acadêmico. Por isso mesmo fui um professor não professoral. Exerci a profissão, sempre, com seu mais puro sentido. O jornalismo como subversão. Fui incansável no exercício da crítica. No “ensino” da prática de perseguir a mais absoluta fidelidade à verdade factual. Na pregação de que o jornalismo dos tempos atuais, crescentemente, tem o sentido de variedades, de secos e molhados, de verdadeiras perfumarias. O pensador Pierre Bourdieu dizia que variedades, sempre, têm a função ideológica de desviar a atenção do que é fundamental. Nortado por estes princípios, as edições do **3X4** refletem pelo tema escolhido, pautas, enfoques das respectivas matérias e entrevistas centrais, o grau maior ou menor de percepção desta ideia por cada turma. As melhores edições são as de conteúdo altamente subversivo. Diria explosivas. Esta história é verificável no arquivo.

Na primeira década ou um pouco mais trabalhei, em sala de aula, aliando-me aos alunos de mais puro DNA da profissão na escolha do tema, das pautas e do enfoque das matérias. Bem como na escolha das fontes. Muitas delas sugeridas por mim. Interferi diretamente em toda a edição. Com absoluto consentimento dos alunos em um processo de aprendizado de mão dupla. Nunca pela imposição. Sou por uma pedagogia libertária, sempre. O trabalho tinha um sentido coletivo. A grande maioria

colocava a alma. E eu muito mais ainda. Sentia-me como nos tempos quando trabalhei em uma grande redação. Havia empenho, quase uma questão de honra, na realização da entrevista com o melhor nome, considerando o tema. Realizamos entrevistas ontológicas: Eduardo Galeano, Emir Sader, Zé do Caixão, José Louzeiro, Lauro Hagemann, Fernando Westpallen, Paulo Bissol, Jorge Mauther, Elza Soares e muitos outros. As entrevistas do jornal **3x4** dariam um belíssimo livro de jornalismo, assim como a reunião de algumas de suas principais matérias. Uma publicação de banca.

Presencie o processo do que chamávamos de sucateamento da universidade. Política imposta e promovida com o objetivo de convencer a sociedade da necessidade de privatização. Acompanhei a partir do primeiro governo Lula sua modernização material, além de um processo de democratização a partir da implantação da política de cotas. No período anterior, negro em sala de aula era estudante de convênio com país africano. E eu me perguntava se não haveria algum negro da Lomba do Pinheiro com o sonho de ser jornalista. As cotas alteraram este quadro. Só que junto, no pacote, ocorreram alterações que passaram a deixar-me, crescentemente, incomodado. A principal delas a preocupação de formar uma mão de obra adequada ao deus-mercado. Para este mercado onde se pratica o pior jornalismo da história do país. Um aluno definiu esta concepção como o ensino da covardia.

Vivi o ambiente acadêmico sempre de forma conflituada. Como de resto tem sido conflituado com o sistema. Sou gauche. Nasci torto. Estive preso na década de 70 na luta contra a ditadura. No entanto, e paradoxalmente, me considero um privilegiado. Em um país tão instável ter um salário ao final do mês faz a diferença. Mas, sem dúvida, o principal privilégio foi ter convivido com as gerações formadas durante estes 23 anos. As histórias de sala de aula e deste tempo é um livro que algum dia talvez venha a escrever. Ainda hoje tenho dificuldade em notar a diferença de idade quando converso, principalmente, com os alunos em que percebo o DNA da profissão. Os meus melhores alunos, cerca de uns 30 e que ainda hoje lembro o nome, nenhum deles passou pela mídia corporativa com raríssimas exceções. E estes estiveram clandestinos e por pouquíssimo tempo.

Este é um brevíssimo balanço de uma parte importante da minha vida. Poderia escrever muito e muito mais. Aliás, não digo nada que já tenha dito nos editoriais de cada edição do **3X4**. Agradeço de coração a todos pelo convívio. Em especial a esta turma que, guardadas as diferenças de época, possibilitou este exemplar com um belo tema. E que com certeza não ficaria devendo nada às melhores edições se o espírito geral não fosse o de treinamento de mão de obra para o mercado com todos sobrecarregados de trabalhos em um monte de disciplinas. Tenho a convicção que dei o melhor de mim. Por isso tenho a certeza de que deixei algumas marcas. Sou o mesmo e sou um outro. *Jornalismo é subversão!* **3X4**

DEUS. SATANÁS. BRAHMA.

LÚCIFER. OGUM. JESUS. OXALÁ.

ALÁ. MAOMÉ. OLÓDÙMARÈ.

ENTIDADE. ESPÍRITO. VIDA.

MORTE. INFERNO. PARAÍSO.

REENCARNAÇÃO. DESTINO. DOM.

MEDIUNIDADE. OFERTA. MILAGRE.

MAGIA. PROMESSA. PRECE.

DEVOÇÃO. ESPERANÇA.

FÉ.

PARA ALÉM DA FÉ, O RESPEITO

COMISSÃO EDITORIAL

São tantas maneiras de vivenciar a fé e tantos conceitos associados a ela que editorial nenhum conseguiria dar conta de compreender todas suas faces.

É impossível analisá-la racionalmente ou enquadrá-la em um único viés, pois ela é abstrata e se manifesta de maneiras diferentes para cada pessoa, sendo fonte de alento e esperança, principalmente em situações alheias à nossa vontade. Fé pode implicar confiança plena em algo ou alguém – mesmo que imaterial –, mas não significa, necessariamente, pertencer a grupos religiosos, acreditar em divindades ou forças maiores. Fé não exige prova, mas demanda entrega. Dessa forma, não é justo ou racional que se exijam explicações para ela. Diante da fé alheia, podemos apenas demonstrar respeito. É isso o que tentamos fazer nesta edição.

É irônico que a mesma fé que a tantos cura, guia e reergue possa também ser ferramenta de destruição e horror. Quando alia-se à intolerância, sangue humano cai por terra, seja nas guerras religiosas que marcam nossa história,

na perseguição de pagãos na antiguidade, na inquisição que matou milhares de pessoas ao longo do século XIV, ou até mesmo numa boate de Orlando em 2016. Contrapondo-se a esse histórico de terror, esse jornal quer dar voz à tolerância.

O **3X4** é um jornal de caráter laboratorial em que, mesmo sendo jornalistas em formação, temos espaço para criar, errar, arriscar e, acima de tudo, experimentar. Este formato nos permite ousadia, já que estamos dentro da academia e não condicionados à lógica do mercado. Para esta edição, que dizem por aí ser a última a ganhar versão física, escolhemos um tema que exige de seus autores uma dose extra de sensibilidade: a fé. Buscando o respeito a todas as crenças, nos utilizamos de 17 reportagens para atravessar diferentes segmentos, religiões e crenças. Atravessamos também os nossos próprios preconceitos e crenças para que pudéssemos acolher a fé do outro. Nesse caminho, os entrevistados nos emprestaram, talvez, o maior e melhor ensinamento de sua fé: não perder a esperança. Com esse **3X4** em mãos, nos

agarramos ainda mais à convicção de que o jornalismo é essencial à sociedade pois tem o papel de promover o diálogo e, assim, o respeito à diversidade.

Esse é um tempo de despedida e também de renovação. Assim, gostaríamos de lembrar a figura do professor Wladimir Ungaretti, que orientou todas as edições deste jornal nos últimos 17 anos. Para todos que, como ele, são ligados ao “jornalismo de papel”, esta última versão impressa representa uma grande homenagem.

Que esse **3X4** seja subversivo onde a intolerância perdura. Que possa incomodar e perturbar onde as manifestações de fé não forem livres. Que desestabilize e desmitifique os preconceitos e que todas as crenças sejam reconhecidas como direito de cada indivíduo. Que essas reportagens possam ser objeto de reflexão para compreendermos ou, no mínimo, respeitarmos todas as fés. **3X4**

10 ALMA

**QUANDO ELA
NOS DEIXA**

MARIANA BAMPI

27 PERFIL

**ENTRE A IGREJA
E A FÉ, ERACI**

VINÍCIUS DUTRA

13 JUVENTUDE

A FÉ NA ESPERA

ISADORA AIRES

RICARDO PEREIRA

30 ISLAMISMO

ISLÃ QUER DIZER PAZ

MARTA KARRER

17 CRENÇAS POPULARES

SANTOS OFÍCIOS

KARINE MENONCIN

34 CURA ESPIRITUAL

GRAÇAS À FÉ

ISADORA DUARTE

20 CULTURA INDÍGENA

O JEITO GUARANI

PAULA DI LEONE

38 CULTURA CIGANA

**CONSELHO DAS
MULHERES DO VENTO**

LETÍCIA PALUDO

23 ESPIRITUALIDADE

**O MISTICISMO
DE AYAHUSCA**

DIANA CORTI PULGA

42 ENTREVISTA

**SATANISMO COMO
FILOSOFIA DE VIDA**

KARINE MENONCIN

46 CRENÇAS DESENHADAS
DA ALMA À PELE

ANIELE BERNST
LUÍSA RIZZATTI

53 MISSÕES DE FÉ
**A FÉ EM DIAS
MELHORES**

ISADORA DUARTE

57 FOTORREPORTAGEM
**PROCISSÃO
MANIFESTAÇÃO**

ALESSANDRA WERLANG

62 EDUCAÇÃO
OCUPAR E RESISTIR

CALEU NUNES

68 CURA
**A FÉ: O CAMINHO
PARA A CURA**

CAROLINA CATTANEO

72 ESPORTE
GOLEIRO DE FÉ

ANDREAS WEBER
RODRIGO FRONZA

75 MEDIUNIDADE
**ESPIRITISMO:
A FILANTROPIA
ANTES DA DOUTRINA**

GABRIEL GRINGS

78 HISTÓRIA
A MATRIZ DE VIAMÃO

MATHEUS NIETTO

82 ENTREVISTA
**CARLOS ALBERTO,
O FREI BETTO**

ISADORA DUARTE
VINÍCIUS DUTRA

QUANDO ELA NOS DEIXA

MARIANA PIMENTEL BAMPI

NUM PRIMEIRO VISLUMBRE, não parecem ter ligação uma com a outra. No máximo, parecem primas distantes. No entanto, a relação que há entre ambas é muito mais estreita – e antagônica. São irmãs e são rivais. Uma não pode ocupar o mesmo lugar no tempo-espaço que a outra. Cavam nosso coração e guiam nossas ações apenas uma por vez. Não existe convivência harmoniosa entre elas.

“A fé é o instinto da ação”

FERNANDO PESSOA

A primeira é cheia. Transborda-nos. É como combustível que nos faz levantar da cama todos os dias por nos fazer crer em algo ou alguém, independente das adversidades. É também o abraço de Morfeu que nos descansa à noite quando acreditamos que tudo vai dar certo, de alguma forma, amanhã ou depois. Está presente nas relações que travamos com as pessoas, nas roupas que vestimos, nas atividades que fazemos, na beleza que vemos quando olhamos para nós mesmos, no sentimento de que há um porquê para estarmos aqui, é a satisfa-

ção de não ser em vão. Ela é a presença do nexos, do sentido. É a razão pela qual Prometeu padeceu acorrentado. Ela é a justificativa para as nossas ações. Uns a chamam de fé.

“Só eu sei da dificuldade que é caminhar

Depois de cair de um lugar tão alto

E mesmo sangrando por dentro, resistir

(...)

Só eu sei a força que tenho que

fazer para de novo levantar

Só eu sei

Só eu e mais ninguém.”

NILZA RODRIGUES

A outra chega mansa, quase sem avisar e apodera-se da gente de forma sutil; gradual. Não percebemos suas intenções de primeira, nem claramente, até que já estejamos envoltos nos seus tentáculos de tristeza e o simples ato de levantar-se da cama e encarar a própria figura no espelho é poluído pela sensação de vazio. A dúvida inunda a certeza de antes: o que eu faço aqui? Sou bonita? Encaixo-me em algum lugar? Será que o que eu faço e o que eu sou são importantes para alguém? O julgamento e a pressão em cima de qualquer erro cometido são brutais. Não há mais motivo para fazer as coisas de antes, tudo perde o seu elo. A fuga do sentido da vida é o golpe de misericórdia. E

aí vem o isolamento e, junto com ele, às vezes, o suicídio. O grande desafio diário se torna enfrentar as imposições da vida sem não mais ter fé em si mesmo. É assim que ela age: pouco a pouco toma conta de tudo e aquele instinto de ação se esvai. Uns outros a chamam de depressão.

“Era como andar no meio da lama.”

K.

De acordo com o vocabulário médico, a depressão é um distúrbio psicológico que afeta cerca de 20% da população mundial – ou seja, a cada cinco pessoas, uma sofre de depressão, sendo, em sua maioria, mulheres. Fatores internos como predisposição genética e alteração de substâncias químicas como os neurotransmissores serotonina, noradrenalina e dopamina (responsáveis por transmitir os impulsos nervosos de um neurônio a outro) combinados com fatores externos como estresse, estilo de vida e acontecimentos traumáticos podem causar a doença. Sentimento de raiva persistente, ataques de ira, tentativas constantes de culpar os outros e dores pelo corpo sem causas médicas que as justifiquem também podem ser sinais de depressão.

O tabu e a incompreensão que ainda rondam as doenças psicológicas também atingem a depressão, muitas vezes interpretada como uma simples tristeza passageira ou até mesmo como

exagero de sentimentalismos pelas pessoas que fazem parte do círculo de convivência de quem sofre da doença.

“A minha família não me apoiou, eu contei para eles sobre a minha doença e eles não acreditaram. Eu me sentia desamparada por eles.”

A.

Não existe cura para depressão. É uma doença que pode apenas ser controlada por meio de tratamentos psicoterápicos e medicação. No entanto, a conversa, a compreensão e a alteridade são peças fundamentais para a superação daquele vazio, para que o sentido volte a habitar a nossa vida, para que haja, mais uma vez, aquele combustível que nos faz levantar toda manhã. Tudo bem errar, tudo bem não se encaixar em padrões estabelecidos por alguém que nem mesmo conhecemos, tudo bem ser diferente. No fim, precisamos daquele sentimento de persistência, do instinto de luta, da esperança. Talvez seja o que nos torna humanos. No fim, precisamos daquela fé. 3x4

“A vida real do ser humano consiste em ser feliz, principalmente por estar sempre na esperança de sê-lo muito em breve.”

EDGAR ALLAN POE



Foto: Alessandra Werlang

A FÉ NA ESPERA

ISADORA AIRES E RICARDO PEREIRA

ERA UM SÁBADO À NOITE. Entrei na enorme sala sem saber muito bem o que esperar – com certeza nada parecido com o que eu e meus amigos costumamos fazer em um dia como esse. Não estava certa sobre a vestimenta que eu usava, e nem como minha presença seria recebida.

De frente à plateia atenta, o pastor pregava – às vezes alto, às vezes baixo –, e ao fim pedia a confirmação de que todos tinham entendido com um “amém?”. A maioria dos presentes usavam roupas semelhantes às minhas e respondiam a todos “amém” com muita convicção. Eu estava em um encontro de jovens e, ao primeiro olhar, eles eram incrivelmente parecidos comigo e com as pessoas que convivo. A diferença é que, criados na Igreja ou convertidos, eles abdicam da vida “do mundo” (nas palavras deles) para viver de acordo com as orientações da Bíblia.

O encontro daquela noite era temático: falaríamos sobre relacionamentos. Uma menina me explica os dois grandes princípios a qual são orientados: “A primeira orientação é a mais óbvia: não ter relações sexuais antes do casamento. A segunda, que diz claramente na Palavra, é para fugir da aparência do mal”. Esse conceito, segundo a garota, é fundamental para os cristãos que desejam viver de acordo com a bíblia, pois os pra-

ticantes devem se preocupar com coisas que aparentam ser “más” aos olhos dos outros – mesmo que elas não sejam. Por exemplo, para eles, se um homem solteiro recebe uma mulher, sozinho na sua própria casa, está aparentando o mal embora não haja nenhuma intenção por trás.

Essa orientação, por si só, já seria bem limitadora aos moldes “do mundo”. Mas é no primeiro princípio que os jovens encontram as maiores proibições. Para inibir “as vontades”, ela me conta, os casais são orientados a terem o mínimo possível de toque antes do matrimônio. Assim, os jovens não se beijam e não se abraçam, nunca estão sozinhos em seus encontros e o namoro, propriamente dito, consiste em conversar e orar com a outra pessoa, esperando a confirmação do casamento cair dos céus – literalmente.

Outro conceito trazido pelo pastor como uma atitude a ser evitada é a defraudação. Defraudar, segundo o dicionário, é o ato de “lesar, fraudar, iludir, enganar”. Minha nova amiga me explica em detalhes a interpretação para eles: “causar expectativa em alguém; cantadas; puxar conversas sem necessidade; conversar, tipo, à meia noite, sabe?”. Ou seja, mais do que o simples contato físico, os jovens são orientados a retrair qualquer tipo de paquera, comum na juventude que vive “no mundo”, como eles dizem.

Ao fim da pregação, três casais (dois casados e um de noivos) foram convidados a dar o seu testemunho. No último depoimento, a noiva tomou posse do microfone, em um ato inédito naquela noite, interrompendo o namorado e provocando a risada de todos. Salvo essa situação, só o homem de cada casal teve a palavra. Questiono a menina do meu lado se ela não enxerga nisso uma mensagem implícita do poder masculino nas relações: “Pode parecer machismo (...), mas pra mim, não parece” – responde. “Eu conheço mulheres

crístãs que são casadas, que trabalham, que mantêm suas atividades normais, que fazem programas só com as amigas”. Pergunto, então, se ela acredita que o papel do homem e da mulher em um relacionamento são diferentes. Ela me diz que sim: a responsabilidade pelo sustento familiar é do homem. À mulher, cabe cuidar da casa, da família e do marido – e trabalhar caso queira, ela relembra. Além disso, diz que “é papel do homem garantir que a família esteja nos planos de Deus”.

Ao término do culto, uma janta é servida, e todos se reúnem em pequenos grupos para conversar enquanto comem. A menina com quem estava sentada me levou até as amigas e me apresentou a uma delas em especial. “Criada na igreja”, a mulher de 21 anos diante de mim nunca havia beijado ou sequer chegado perto de uma paquera – diferente da maioria ali, convertida mais tarde. Ela me conta que toma as atitudes querendo “agradar ao Senhor”, não acredita que os hábitos e lugares das pessoas “do mundo” o agradariam. Pergunto se ela nunca teve nenhuma curiosidade quanto a isso, mas a resposta é enérgica: “Eu tenho na minha mente: vou dar o meu primeiro beijo no altar com o meu marido”.

Entendo que esse caminho é escolhido, também, pela fé na recompensa. Para elas, só assim, “esperando em Cristo”, o Espírito Santo trará a pessoa certa para suas vidas e poderão viver o amor em plenitude. Minha nova amiga me conta também que, antes de se converter, sentir-se frustrada, decepcionada ou usada eram emoções naturais e corriqueiras. Entrar na igreja a fez entender que não precisa conviver com tais sentimentos. Esses sentimentos seriam a resposta por levar uma vida “mundana” e, depois da conversão, praticamente parou de senti-los.

Pergunto o que elas gostam de fazer que se difira das pessoas da mesma idade que vivem uma vida mundana.

As que são universitárias me explicam que, além da faculdade, se envolvem muito com os eventos da igreja. É responsabilidade dos jovens organizar tardes de brincadeira para as crianças, por exemplo. “Nos sábados à noite a gente tem grupo de jovens (...) e no domingo temos o culto de noite, que é de toda igreja, então no final de semana ficamos bem envolvidas.” Outra menina complementa falando sobre os grupos de encontro nas casas. Para cada pessoa que entra na igreja, existe um discipulador, alguém que esteja a mais tempo seguindo a Bíblia e que possa aconselhá-la. O discipulador reúne seus discípulos para estudar a Palavra, conversar sobre a semana e para terem momentos de descontração – elas me contam que jogam, brincam e se divertem nesses encontros: “Para as pessoas que acham que não nos divertimos, a gente se diverte e muito”.

Quando estava chegando a minha hora de ir embora, a menina de 21 relembra um episódio com um sorriso no rosto: “Uma vez uma colega minha me disse: ‘ah, tenho pena de ti, coitada de ti, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo’. Parece que é uma regra imposta a nós. Eu sou porque eu quero, é uma escolha e isso me faz feliz, muito feliz”.

Ao final, depois de me despedir de todas, me direcionei ao pastor. Ele agradece a minha presença e questiona se não achei “muita loucura” tudo aquilo – pergunta repetida, já que as meninas com quem conversei também a fizeram mais de uma vez. Respondo que não, loucura seria não respeitar os diferentes tipos de crença. Ele concorda e deseja que eu vá com Deus. Fui. 3X4

Nelson Junior, 38, é o idealizador do movimento “Eu Escolhi Esperar”. Nas redes sociais, o sucesso é visível pelos assombrosos números: Facebook (2,8 milhões de curtidas), Twitter (608 mil seguidores) e Instagram (um milhão de seguidores). Nelson atua com jovens há mais de 20 anos, tendo se formado em Teologia em 1998.

Foi da experiência própria de vida que Nelson buscou a inspiração para criar o “Eu Escolhi Esperar”. Com 12 anos, decidiu que ia se guardar sexualmente até o casamento. Como adolescente e principalmente como homem, descobriu que não era uma decisão fácil. Além dos hormônios aflorados, as pressões na escola, no trabalho, e na família eram complicadores da escolha do jovem rapaz. Contudo, começou a trabalhar com jovens muito cedo e descobriu que as lutas, dúvidas e conflitos eram os mesmos. Foi então que teve a iniciativa de criar uma campanha para ajudar aqueles que assim como ele, hoje fizeram a mesma escolha. O desejo era fortalecer, orientar e dar apoio para quem esperaria até o casamento para viver suas experiências sexuais. No entanto, Nelson frisa que a campanha vai além da virgindade. Trabalha com pureza, preservação sexual e integridade emocional, encorajando as pessoas a buscarem relacionamentos saudáveis e duradouros.

O projeto é todo baseado nas mídias sociais em geral, já que foi onde surgiu. Buscam ocupar os mais variados espaços na rede para alcançar o máximo de jovens. Quando a campanha começou, eram realizadas, às sextas, uma transmissão ao vivo através da Twittcam, mas “infelizmente o Twitter deixou de ser tão popular, sendo utilizado por um público fiel, porém bem mais seletivo em relação ao que já foi” –

atesta Nelson. Nesse meio tempo, o Youtube cresceu e ali se viu um potencial de dar continuidade às transmissões ao vivo e desenvolver novos projetos, como a web série Eu Escolhi Te Esperar e o Eu Escolhi Esperar Responde.

Mas e os produtos da loja virtual?

Os eventos geralmente acontecem aos fins de semana, em cidades diferentes em todo o país e o grupo costuma viajar em quatro ou cinco pessoas. O escritório atua com 8 funcionários trabalhando em tempo integral. Quem sustenta tudo isso? – contestei. “Não somos mantidos por nenhuma organização política ou religiosa”. Para isso a criação da loja. Os produtos vendidos, são todos revertidos para sustentar todas as demandas que a estrutura exige.

O Eu Escolhi Esperar percorre o Brasil inteiro realizando reuniões/seminários, participação em eventos, Curso/Workshops para líderes, propagando a visão da campanha para milhares de jovens. Os eventos são promovidos através de mídias on-line e por mídia off-line nas igrejas. Para participar dos encontros existem várias formas: comparecer em um desses eventos ou seguir a página no Facebook, do Twitter, baixar o aplicativo, acompanhar os artigos no site, assistir os vídeos no Youtube e ler os livros.

O movimento convergiu para todas as mídias e só tende a crescer. Fez a análise das estruturas, organizou-se, e aplicou as ideias no momento correto, como se fora uma empresa. Contudo, o produto oferecido é a Palavra, a fé que somente na espera, encontrarão a pessoa correta.



Foto: Gane Coloda/Livro Mulheres do Interior

SANTOS OFÍCIOS

KARINE MENONCIN

DUAS ROSAS E DUAS VIDAS marcadas por uma atividade em comum: curar através das benzeduras. No interior de Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha, vivem as duas Rosas que compõem esta história. Duas mulheres de idades avançadas, diversas histórias para contar e a vontade em comum de ajudar aqueles que precisam.

CURA SENHOR, ONDE DÓI

Numa casa ao lado da igreja devotada a São Valentim, Rosa Cobalchini Pertille me recebeu, por volta das 8h30min, em mais uma manhã gelada de sábado na zona rural bento-gonçalvensê. Desconfiada ao ver esta jovem que transbordava de perguntas, Rosa foi cautelosa ao abrir sua casa e me convidar para entrar. A senhora de 85 anos mostrou a cadeira em frente à mesa da cozinha e pediu que me sentasse. Logo depois, seu marido, um veterano da Segunda Guerra Mundial, notou a presença de alguém desconhecido e questionou:

– Rosa! Por que tá falando com ela? Ela foi mandada pelos médicos! Ela vai te denunciar!

Rosa, então, explicava ao esposo, dez anos mais velho do que ela, que a jovem que ali estava pretendia “escrever um livro sobre as benzedoras”. Tal resposta não satisfez o velho que permanecia vendo em mim uma figura ameaçadora.

Há 15 anos, depois de falecidos seu irmão e sua irmã, que eram benzedores, Rosa Pertille passou a aprender as rezas e as ervas ideais para serem usadas, uma vez que este era o jeito para curar as dores e desfazer os “nós” que atrapalham a vida de quem a procura. Os ensinamentos foram pouco a pouco incorporados ao que ela já conhecia. Com orgulho, Rosa conta que aprendeu com uma outra senhora, do distrito de Faria Lemos, como benzer para dor no ciático.

– Isso tudo é reza que se faz. Benzo para mal jeito, para tirar o mal-olhado, reumatismo, cobreiro e de ciática. Eu sou a única, que eu conheço, que benze para isso. Pego a vela benta e uma pedra e é com isso que eu benzo para a ciática.

Os mal-estares curados pelas mãos das benzedoras não são somente físicos. Rosa Pertille conta que ao benzer alguém para “tirar o mal-olhado”, é comum que as pessoas se sintam mal e que tenham dor de estômago. Este seria o sinal de que a reza teria dado certo. Para saber se uma pessoa tem lombrigas, conta Rosa, é preciso benzê-la e colocar arroz dentro de uma vasilha com água. Se os grãos boiarem, significa que este alguém está doente. Já para curar anemia, Rosa descreve um trabalho inusitado:

– Para anemia é assim: preciso quebrar um ovo, segurar no meio das mãos cruzadas e depois juntar isso à primeira urina da manhã da pessoa doente. Despejo tudo em um formigueiro e, se as formigas comerem, a anemia terá ido embora.

A benzedora ressalta que faz suas rezas porque gosta de ajudar quem necessita, apesar de considerar que existe muito preconceito em relação a este ofício. Houve um tempo, conta Rosa, que as benzedoras eram mal vistas pelos médicos e também pelos padres. Muitos viam as benzeduras e rezas como charlatanismo ou algo que ia contra os preceitos católicos.

– Às vezes, não tenho mais vontade de fazer isso, mas continuo porque não tem mais ninguém que faça. Também não sei se é um dom. Muitos me pedem para passar o que eu sei, mas não posso senão eu perco. Só posso deixar um caderno para quem for seguir fazendo isso depois, mas só depois que eu morrer.

A fama de que era uma boa benzedora foi se espalhando através do boca-a-boca na comunidade. Rosa conta que nunca cobrou pelas rezas, mas também não recusa caso queiram pagar uma quantia simbólica.

CURA SENHOR, BEM AQUI

Numa casa logo após o cemitério do distrito de Tuiuty, Rosa Carolina Tomasi me recebeu com um sorriso e logo foi prender os cachorros às suas coleiras. Já era perto das 11h, mas a manhã continuava gélida a ponto de o fogão à lenha permanecer aceso. Entre risos, Rosalinda, 72 anos, conta a história de seu nome:

– Meu nome é Rosa Carolina, mas todo mundo me chama de Rosalinda. Meus pais queriam me registrar como Rosalinda, mas o escrivão não entendeu direito...

Católica, ela comenta que o que faz são orações. Em geral, muitas mães com crianças a procuram principalmente pela tarde, para curar anemia,

“bichas”, “macaquinho”, “cobreiro”, entre outras doenças. À noite, vêm os homens e mulheres da comunidade que trabalham durante o dia. Muitos destes chegam com “mal jeito no nervo”, gastrites e até mesmo para “limpar o sangue” e se benzer da depressão.

– Costumo atender umas dez pessoas por semana, mas também dá para fazer orações por telefone. Para funcionar o benzimento, precisa acreditar e ter fé! E eu não cobro por nada. Quem quiser retribuir, então peça para que se reze uma missa.

Para câncer de mama, rezar para Santa Agda; nos ossos, São Carlos. Para todos os tipos de câncer, São Pellegrino é o padroeiro para os portadores da doença. Assim como na história do santo — curado de um tumor que acometia sua perna direita a ponto de precisar amputá-la —, Rosalinda mantém viva na memória o diagnóstico de câncer de mama e a probabilidade de ter que removê-la.

– Naquela hora, pensei “Jesus, te amo tanto que sei que estás aqui; o Senhor pode inverter isso porque Tu tens poder”. E a cirurgia foi tão bem que surpreendeu até os médicos. Depois de ter feito 12 quimioterapias e 30 radioterapias, não precisei tomar remédio.

Cantando a música “Cura Senhor, onde dói, cura Senhor, bem aqui...”, do padre Antônio Maria, ela também pega sua Bíblia para ler um trecho para mim e conta que se considera somente uma intermediária de Deus, alguém para quem Ele deu este dom.

Quando tinha cerca de sete anos de idade, aprendeu com sua madrinha como benzer para “cobreiro” — com três Pontas de Santa Ana e um copo de

água do poço. Assim como a dona Rosa Pertille, Rosalinda ressalta que a transmissão de conhecimentos é feita dentro da família, para que não acabe a tradição.

– Vou fazer 73 anos e não sinto nada! É só pensar em Jesus que se arranja tempo para ajudar os outros e é isso que me mantém assim, bem.

Na sala repleta de quadros de temática religiosa pendurados nas paredes, Rosalinda conta que foi sua fé que a sustentou até no pior momento de sua vida: quando a filha, Cláudia, foi assassinada. Para não abalar a mãe que recentemente havia passado pelo diagnóstico e pela cirurgia de remoção dos tumores, Cláudia não contou que sofria ameaças do então companheiro.

– Foi Deus quem me segurou quando mataram minha filha. E é isso que eu aconselho: se apegue em Deus sempre que tiver algum problema, pois para Ele nada é impossível.

CURA SENHOR, ONDE EU NÃO POSSO IR

Terço, água benta, objetos domésticos, ramos de plantas nas mãos e aquela oração, há tanto conhecida, na ponta da língua. As benzedeadas, que surgiram no país com a chegada dos jesuítas, no século XVI, são figuras presentes na cultura popular até hoje.

As rezas conhecidas se misturaram aos ensinamentos indígenas de manipulação de ervas e chás. Numa época em que o contato com profissionais da saúde era tão difícil, o papel de benzedeados, curandeiros e parteiras foi essencial para dar conta das demandas comunitárias, ainda que os médicos estivessem à frente de um forte movimento que pretendia impor-se às práticas populares. Este conflito também

perpassava a religião, especialmente o catolicismo, que por muito tempo viu as benzedeadas como bruxas.

Hoje, hospitais e unidades de saúde são mais acessíveis para boa parte das comunidades interioranas. Entretanto, o ofício das benzedeadas permanece como um traço histórico e também como ritual de proteção até mesmo para aqueles que buscam os tratamentos convencionais antes. Muitos médicos, fala Rosalinda, descreditavam estas práticas, mas atualmente as reconhecem e, inclusive, recorrem a elas.

Ivete Trevisan, 57 anos, atuou por muitos anos no postinho de saúde da comunidade de Tuiuty e se recorda de um médico da unidade que procurava uma benzedeadas local para aliviar as dores que sentia na coluna.

– Como técnica de enfermagem, eu mesma indicava algumas benzedeadas da comunidade para que as pessoas fossem se cuidar. Dor de garganta, o famoso “cobreiro”, que na medicina é chamado de herpes, e até para picada de aranhas.

A fé na cura possibilita que o efeito placebo aconteça, sustenta Ivete. Afinal, ela acredita que as forças do pensamento são capazes de influenciar diretamente na saúde das pessoas.

Após ter passado por muitos consultórios e nenhum médico diagnosticar ou curar efetivamente sua tosse que durava cerca de nove meses, o agricultor Ari Postal recorreu às benzedeadas para se tratar. E, realmente, a tosse cessou. Aos 70 anos, ele não mais se recorda de todas as vezes que foi benzido ou de quando começou a procurar essa alternativa à medicina convencional. Já sua esposa, Ana Postal, 67 anos, não

acreditava que benzedeadas pudessem ter efeitos, até se casar e passar a conhecer melhor a prática. Ela se recorda que já foi até Garibaldi, município vizinho a Bento Gonçalves, buscar alívio para as dores que sentia em seu braço.

Engana-se, porém, quem crê que a procura pelas benzedeadas se restringe somente a pessoas de mais idade. Patrícia Pedrotti, 30 anos, comenta que foi benzida logo depois do seu nascimento, pois era uma prática comum entre as famílias.

– Quando as crianças nasciam, logo as levavam para uma benzedeadas para prevenir o “amarelão” e o espasmo.

Já adulta, ela comenta que se benzeu para enxaqueca, picada de aranha, reumatismo e mau-olhado. Patrícia destaca a importância da fé e conclui dizendo que acredita nas benzedeadas, pois sempre foram de grande ajuda.

Embora a medicina ocupe um espaço fundamental atualmente, antigos ofícios populares permanecem como tratamentos alternativos. Desde 2010, benzedeadas de duas cidades paranaenses, Rebouças e São João do Triunfo, têm suas atividades reconhecidas por leis municipais pioneiras no Brasil. A regulamentação, além de reconhecer o ofício e permitir a manipulação de ervas medicinais, garante às benzedeadas um espaço no sistema tradicional de saúde. Assim, outras gerações podem conhecer e levar adiante essas crenças cultivadas por anos, que fazem parte não só da história e da cultura dessas pessoas, mas também da sua fé. 3X4



O JEITO GUARANI

PAULA DI LEONE

IMAGINE UM INDIVÍDUO SEM CULTURA. No que ele consiste? Qual a matéria-prima que embasa suas ações, e qual o ângulo de sua visão do mundo? Como vive um ser humano sem sentimentos culturais próprios? Não vive. Porque humanidade é feita de cultura e de culturas, sem as quais não somos capazes de respirar por completo.

Imagine um cenário em que um grupo de pessoas vive à sua maneira, no local onde nasceram e segundo os preceitos que lhes foram passados de geração a geração. Tudo ocorre bem, até que um povo vindo de muito longe, com objetos



culturais muito diferentes do que se conhecia naquele lugar, se aproxima e permanece. Repletos de fé em sua superioridade cultural, eles impõem suas verdades e, abaixo de muita dor, destituem o povo que ali vivia da sua cultura original.

Destituída, sim. Mas em parte. Porque a resistência dos tantos povos devastados ao longo da história é enérgica. Afinal, ao ver-se obrigado a se encaixar em uma concepção de mundo totalmente distinta, a solução é resistir. Através de séculos de opressão, a fé na própria cultura é combustível para seguir em frente.

Tal fé se manifesta nas muitas situações que envolvem a luta. É com a batalha pelo reconhecimento da terra ocupada que começou minha conversa com o cacique da aldeia Tekoá Pindó Mirim, Arnildo Wera, em uma tarde fria de sábado. Ele me conta que os 22

hectares no meio do Parque Estadual de Itapuã foram ocupados pelos Guarani Mbyá em 2000, e seu avô, Turíbio Karraigomes, foi o primeiro cacique. Hoje, cerca de 250 pessoas vivem no local, que antes servia como plantação de eucalipto e foi desapropriado pelo Estado no governo Olívio Dutra. A área, no entanto, ainda enfrenta uma tempestade burocrática, cheia de empecilhos para ser oficialmente reconhecida como território indígena pela União.

Quando as leis do homem branco regem uma sociedade inteira, ser diferente em meio a isso é um desafio. Encarar o mundo do seu jeito e do jeito do seu povo, depois da dimensão que a vida urbana tomou, é um sinal dessa resistência. Assim, os donos originais da terra aguardam o direito à moradia, que será concedido por quem outrora a tomou. A subsistência na aldeia é uma realidade a ser alcançada: o solo preju-

dicado após anos de plantação de eucalipto ainda está em recuperação, mas já consegue prover batata doce, aipim e melancia de acordo com a época. “É pouco, tu não vais trazer todo o teu sustento só desse espaço. Tudo que a gente planta, a gente consome”, comenta Arnildo.

Mesmo com recursos escassos, casas modestas e pouca estrutura, o cacique conta que muitos indígenas desejam viver na aldeia. “As famílias pensam em se mudar para cá, mas a gente não recomenda ainda, porque a gente não tem casa boa. Mesmo tendo esse recurso do Governo Federal, tipo Minha Casa Minha Vida, é difícil para nós acessarmos, porque é uma burocracia enorme, e não é do jeito Guarani”, salienta Arnildo. Na prática, a sobrevivência se dá com doações, venda de artesanato, apresentações e demonstrações culturais. “A maioria fala que os indígenas estão bem, ganhando salário do governo,

mas onde está? Nem pessoas ricas recebem sem trabalhar, imagina um índio”, completa. Imagine, então, a lógica de trabalho de um indígena: seu objetivo não é exercer uma função qualquer em troca de dinheiro para pagar contas de luz ou água – como fazem os brancos –, mas obter a própria subsistência, através do cultivo, da caça e da construção e manutenção da aldeia.

Recentemente, surgiu a possibilidade de índios ingressarem no ensino superior através do sistema de cotas. Arnildo Wera cita com alegria alguns conhecidos seus que se beneficiaram dessa política e hoje são pedagogos ou enfermeiros. Porém, lamenta o desafio da permanência na universidade, que ainda não está preparada para impedir a evasão desses estudantes.

Quando pergunto sobre a relação de seu povo com a religiosidade, vem a agradável resposta: “Guarani quando faz alguma coisa, faz rezando, para que tudo dê certo”. Aí começo a entender que este povo não simplesmente pra-

tica a religião, mas a vive inteiramente e em todos os momentos da vida. Não há separação entre homem e natureza, e a religião se mostra presente na hora de se alimentar, de dormir, de conversar com a família. Se for preciso cortar uma árvore para construir uma casa, a permissão é pedida por meio de oração em conjunto na casa de reza. Se uma criança briga com seus amigos, adultos aconselham sobre o mal que isso faz. E isso é a religião Guarani. A relação com o ambiente que os circunda é de integração, respeito e harmonia. “Onde você está, você convive com a natureza, tem que respeitá-la. Qual a lógica de homem branco ir para a igreja e rezar? Rezar para quem se ali atrás ele cortou uma madeira? Madeira tem espírito. Qual é a lógica?”, indaga.

Arnildo considera os Guarani resistentes a mudanças, mas enxerga isso como um fator que os beneficia, pois, segundo ele, isso contribui para manter a cultura, a religião e a língua mais vivas. A escola construída na aldeia exemplifica esse tipo de impasse: “No nosso

mundo não existe escola, escola é a casa de reza”. Por isso a reflexão é tão importante, já que uma escola que segue a lógica dos brancos poderia fazer com que os saberes originais se perdessem. Ele defende que mesmo que a estrutura escolar siga esses moldes, o ensinamento deve ser mais próximo possível dos valores indígenas. “Escola é uma invasão pra nós, se a gente não souber usar, vai acabar com a cultura”, completa.

Os primeiros a habitar essa terra, que hoje abriga as culturas mais diversas, levam a sua muito a sério. Imagine viver uma luta diária simplesmente para manter sua cultura viva. Quer mais razões para acreditar na cultura e em como ela é determinante de tudo? Quem escreve aqui é uma mulher branca. Por isso o convite a imaginar. Porque as definições aqui postas são sob a ótica de uma opositora do passado, que nunca teve sua cultura usurpada, mas, teoricamente, usurpou da de outros. Este também é o seu caso? Então, imagine, porque muitos não precisam. **3x4**





Centro ritualístico do Núcleo Jardim das Flores, em Porto Alegre.

O MISTICISMO DA AYAHUASCA

DIANA CORTI PULGA

O BRASIL É A MAIOR NAÇÃO CATÓLICA DO MUNDO.

Esta é uma afirmação genérica, porém real, muitas vezes adotada como argumento para inibir outros dogmas. As demais religiões podem ser consideradas pequenas se comparadas à grandiosidade da Igreja Católica, mas suas crenças são importantes e, em um país do tamanho do Brasil, merecem igual respeito e dignidade.

O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal está incluso nesta categoria minoritária, mas isso não lhes tira mérito ou diminui a fé de seus praticantes. O templo Jardim das Flores é um dos dois Núcleos presentes em Porto Alegre, localizado em um sítio na zona norte da cidade. Entre as majestosas árvores que rodeiam o prédio central, dezenas de pessoas se reúnem para exercitar sua fé – um direito que lhes foi negado



por muitos anos, quando o chá ritualístico ayahuasca ainda estava na lista de substâncias proibidas pelo Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN). Apesar das discussões intermináveis a respeito das plantas que compõem a bebida, a religião em si é muito mais complexa e não pode ser definida por conceitos simplórios. Como o apedrejamento parece ser o primeiro instinto humano diante do desconhecido, muitos mitos rondam as religiões que fazem o uso ritualístico da ayahuasca. Em sua maioria, pejorativos.

A bebida tomada nos rituais religiosos é conhecida por vários nomes em contextos culturais diferentes. Pode ser chamada de Chá, Daime, Vegetal ou Hoasca. A infusão foi primeiro utilizada pelas populações indígenas em rituais xamânicos, de quem os povos ribeirinhos da Amazônia adquiriram os conhecimentos e, dessa forma, promoveram a expansão de seu uso. No Brasil, três religiões surgidas no século XX ingerem a ayahuasca em seus rituais: Santo Daime (1930), Barquinha (1940) e União do Vegetal (1960). Esta última, iniciada por um seringueiro no interior da floresta amazônica.

OS ENSINAMENTOS DO MESTRE

A União do Vegetal (UDV) foi oficialmente fundada em 22 de julho de 1961, nas proximidades da fronteira entre Brasil e Bolívia, pelo seringueiro José Gabriel da Costa. Segundo relatos, ele

bebeu o Chá pela primeira vez com um senhor chamado Chico Lourenço, nas entranhas da floresta amazônica. Mestre Gabriel, como é respeitosamente chamado, é o pai da União do Vegetal. Ele reunia trabalhadores do seringal no centro da Amazônia e lá passava seus ensinamentos de honestidade, integridade, moral e amor. No centro ritualístico do núcleo Jardim das Flores, Jeziel Albuquerque da Silva – o Mestre Jeziel – compartilha parte de sua história. Ele bebe o chá de Hoasca há 25 anos e integra o Quadro de Mestres (mais alto grau na hierarquia religiosa) do Núcleo desde 2003. Conheceu a UDV em 1988, quando viu uma reportagem a respeito no programa “Vem Comigo” apresentado por Goulart de Andrade. Desde então, adentrou cada vez mais nesse meio.

A UDV tem como base a doutrina espírita reencarnacionista e segue os ensinamentos de Jesus Cristo e do Mestre Gabriel, também considerado um emissário divino. A maioria desses conhecimentos são reservados ao Corpo Instrutivo, Corpo do Conselho e Quadro de Mestres. Apenas quando os mestres percebem o crescimento de interesse por parte do associado (iniciante), ele escala na evolução espiritual dentro da religião, tendo acesso a novos conhecimentos. Mestre Jeziel diz que a UDV propaga o mesmo que qualquer religião: ensinamentos próprios de integridade, honestidade,

moral e ética. A diferença é que, para alcançar níveis mais elevados desses conhecimentos, bebe-se o Vegetal.

A União tem um núcleo próprio de pesquisas: o Departamento Médico-Científico (DEMEC). Em meados da década de 1980, fizeram uma petição formal ao CONFEN requisitando a liberação legal da ayahuasca para seus rituais. Após um longo processo de análise dos seus efeitos em uma pesquisa científica que reuniu diversos profissionais, em 26 de agosto de 1987 o Chá foi retirado da lista de substâncias proibidas pela entidade. Com o atestado de que a ayahuasca não causa malefícios ao corpo nem à mente humana, o uso ritual da substância passou a ser permitido no Brasil. Entretanto, como a preocupação ainda não havia cessado, em novembro de 1991, juntamente com as demais religiões que fazem uso ritual da infusão, a UDV assinou a Carta de Princípios para Uso da Ayahuasca. “O objetivo é preservar a imagem e assegurar os direitos de seus membros, conforme acordo entre os representantes das sociedades religiosas”, está escrito nas primeiras linhas da Carta, que então se detalha no uso, preparo, plantio, cultivo e comercialização dos vegetais necessários para fazer a bebida. Atualmente, a UDV tem mais de 150 unidades implementadas no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa. “Quando o Chá foi para os Estados Unidos, houve obstrução da justiça porque tinha muita desconfiança. Mas, faz alguns anos que a Suprema Corte de lá aprovou a utilização do Chá. Foi um a vitória para nós”, aponta Mestre Jeziel.

Em 2010, após procedimentos legais do próprio país, o Chá também foi liberado para uso ritualístico nos Estados Unidos. “Sempre temos o cuidado de bater à porta antes de entrar em outro país para não atravessar a legislação local”, explica o Mestre. Na Austrália, por exemplo, o

Chá ainda está em fase de testes e é controlado pelo governo. A UDV está respeitando as autoridades e o processo legal antes de se firmar no país.

A QUÍMICA DO VEGETAL

A Doutora em Antropologia Social pela UNICAMP, Beatriz Caiuby Labate, escreve no livro *O Uso Ritual das Plantas de Poder* (Mercado das Letras, 2005) que a palavra ayahuasca deriva da linguagem quíchua, falada por povos indígenas da América do Sul. O prefixo *aya* significa “pessoa morta, alma, espírito” e *waska* quer dizer “cipó, cordão, vinha”. Em conjunto, pode ser traduzida como “corda da alma” ou “corda dos mortos”. Geralmente, a bebida é feita com a infusão do cipó *Banisteriopsis caapi* (mariri) e as folhas da chacrona, ou *Psychotria viridis*, mas outras plantas de propriedades similares podem ser adicionadas.

As folhas da chacrona contêm uma substância chamada DMT, muito similar a serotonina, um neurotransmissor produzido pelo corpo humano responsável por múltiplas funções de equilíbrio cognitivo do organismo. As controvérsias ao redor da ayahuasca estão no fato desta substância também ser encontrada em drogas psicoativas pesadas, como o LSD e psilocibina. Entretanto, a dosagem de DMT do Chá é consideravelmente menor em comparação a essas drogas.

Sama de Freitas Ramos, 22 anos, é estudante de medicina da FURG e membro da União do Vegetal. Ela atende aos rituais no mesmo núcleo de Mestre Jeziel e explica o efeito do Chá no organismo. O cipó mariri inibe a enzima MAO (*Monoamina oxidase*), que atua na remoção da serotonina para garantir o funcionamento normal das sinapses nervosas, fazendo com que ela se expresse com mais intensidade. Em termos práticos, isso significa que a serotonina permanece no corpo em quantidades maiores que o habitual, causando sensações diferentes no

indivíduo dependendo de seu estado de consciência. Na UDV, ao ingerir o Vegetal, diz-se que o indivíduo atinge o estado de “borracheira”, quando os níveis desses componentes estão maximizados no organismo.

“Cada vez é diferente, você nunca sabe como vai ser a experiência. Nas melhores sessões, os teus sentimentos afloram. Eu percebo meu corpo e meu interior com mais facilidade. É uma sensação única, que eu não experimento em nenhuma outra situação”, relata Sama ao contar de sua experiência ao beber o Vegetal. “Mas, nem sempre é lindo e maravilhoso, porque a pessoa [que bebe o chá] também pode se deparar com coisas difíceis de lidar, sentimentos fortes dentro de você, e nem sempre é fácil”. Contudo, isso não faz desta uma bebida nociva, nem responsável por nenhum dano à saúde. O preconceito, diz Sama, está na ignorância das pessoas em julgar o Chá sem antes conhecê-lo.

A UDV EM RELATOS

Como muitos adeptos da nova geração, Miguel Schmidt foi “gestado na UDV” – o que significa que sua mãe ingeriu o Vegetal durante a gravidez. Hoje, ele tem 19 anos e bebe o Chá regularmente desde os 12, idade mínima necessária para consumir a bebida nos ritos quinzenais. Seus pais são ambos associados, mas ele conta que, em sua família, religiosidade está acima de preconceitos. Sua madrinha é praticante do budismo, enquanto dois de seus avós são evangélicos. “É só uma forma diferente de colocar as coisas, uma outra visão. No fim, só queremos ser pessoas melhores”, diz sorrindo. Faz apenas um ano que ele se associou, já que isso só é possível para maiores de 18 anos. Quando criança, é permitido que se beba uma dose menor da Hoasca, no máximo uma vez por mês. Cada núcleo é responsável por esse controle e todas as pessoas recém iniciadas são moni-

toradas para garantir que estejam, de fato, em busca da espiritualidade ao ingerir a bebida.

Sama de Freitas também está presente na UDV desde a gestação. “Bebi o Chá pela primeira vez no meu batizado, com dois meses, mas era só uma colherzinha”, relata. Ela diz que o ritual de consumir o Vegetal no batizado é muito mais simbólico que prático, como a unção com água benta que os bebês cristãos recebem. “Às vezes as pessoas pensam que a gente toma o chá para ‘ficar doidão’ e não é assim, porque o objetivo é o crescimento, concentração mental e se desenvolver espiritualmente”.

Daiana C. Rech tem uma história diferente. Ela nem sempre foi interessada em questões espirituais. Encontrou a União já adulta, em um núcleo de São Paulo, e diz que não foi essa primeira ligação com o centro paulista que a atraiu: “Eu tenho um pensamento muito lógico, cartesiano e fiquei contestando por muito tempo antes de me sentir confortável para me associar”.

Apenas depois de cinco anos frequentando esporadicamente as sessões, Daiana se tornou uma associada. A abertura que a religião lhe deu para participar dos ritos iniciais foi fundamental para ela perceber seu real interesse em seguir esse caminho espiritual. Há dez anos ela bebe o Chá, e descreve as diferenças que sente em sua vida: “Diariamente, eu me sinto muito mais tranquila, mais calma e percebo que consigo me concentrar muito melhor. Isso também ajuda a resolver minhas questões pessoais, porque eu estou pensando com mais clareza. O Chá é uma coisa mágica”.

Cada uma dessas pessoas nos prova que fé independe de racionalização, é algo que o ser humano desenvolveu ao longo da história e nos acompanha desde muito antes da existência das civilizações. Ninguém pode ditar nossa espiritualidade, nem é possível hierarquizar crenças. Todas são válidas em suas particularidades. E todas, sem exceções, merecem espaço e respeito coletivo. **3X4**

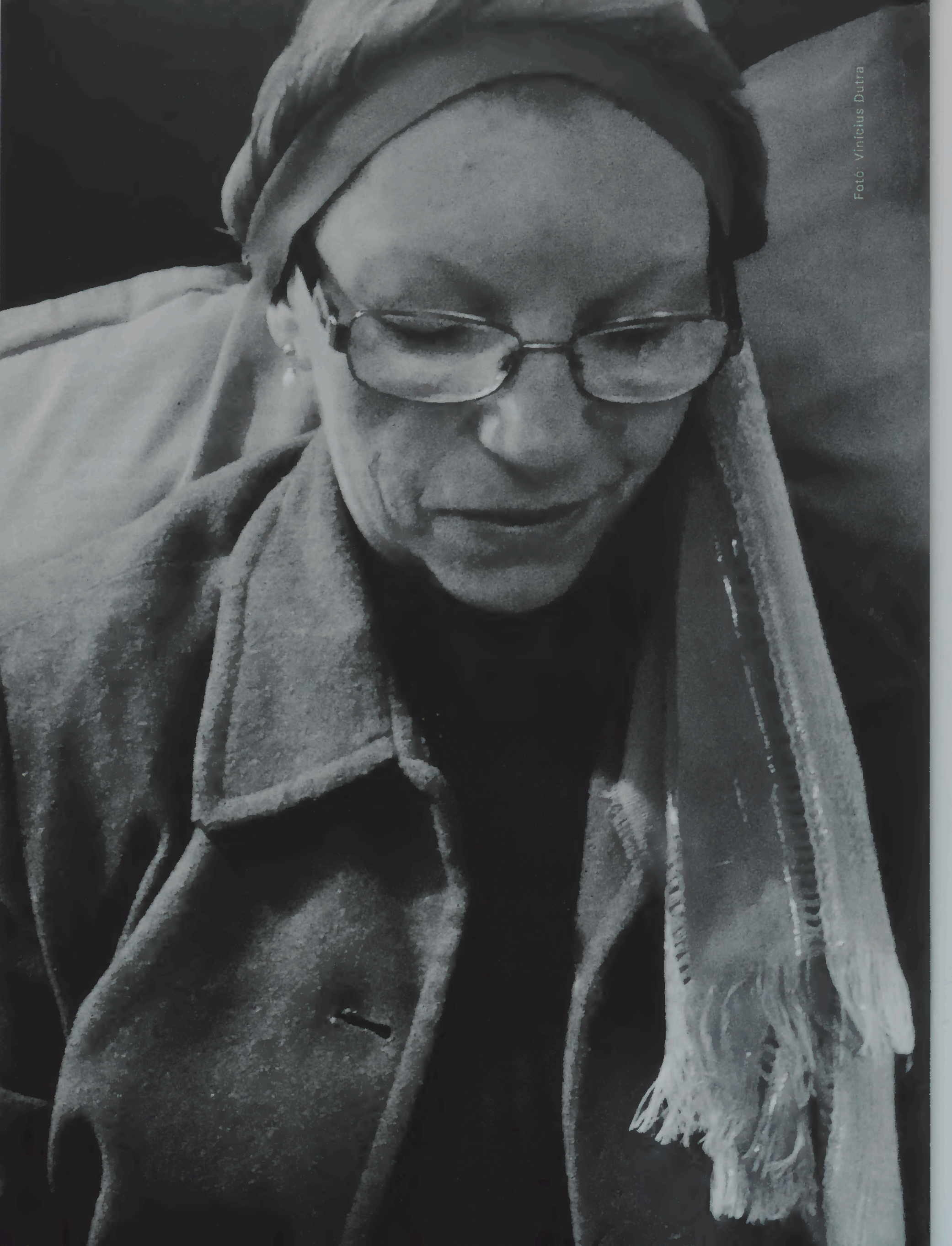


Foto: Vinícius Dutra

ENTRE A IGREJA E A FÉ, ERACI

VINÍCIUS DUTRA

QUANDO EU QUIS SABER como era a sua relação com a fé, Eraci respondeu: “Confesso que eu não sou de rezar um terço: A gente tem que rezar um terço todo dia, mas eu não rezo um terço, eu não rezo três Ave Marias, não rezo dez Ave Marias... Eu converso com Deus”. O diálogo com Deus fez a menina que acompanhava a mãe na missa aos domingos seguir a fé católica, tornando-se uma mulher religiosa a ponto de entregar sua condição enferma nas mãos de Deus.

Eraci dos Santos Francisco nasceu em 1954, na comunidade Campestre, do município de São João do Sul, em Santa Catarina. Aos dois anos de idade, sua mãe a trouxe para o Rio Grande do Sul, buscando fugir da vida difícil que levava na roça. Morou em Cachoeirinha, onde criou um vínculo com a Igreja da parada 59, a Nossa Senhora de Fátima, localizada na divisa entre Cachoeirinha e Gravataí.

Criada dentro da Igreja, distanciou-se das missas depois que se casou com o primeiro marido aos 19 anos de idade. “Meu marido não me proibia de ir, só que ele ficava reinando em casa. Aí eu larguei um pouco da Igreja por causa disso... De repente, eu não era tão convicta também, né?”, lembra. Entretanto, por conta de problemas no casamento, Eraci acabou se separando do primeiro marido.

“Aí como eu era separada e não podia tomar comunhão, o quê eu ia fazer na missa? Não podia tomar comunhão, não podia comungar com Cristo. Me afastei, me afastei mesmo da Igreja. Muito raramente eu ia...”, recorda. Após essa interrupção com os laços paroquiais, Eraci voltou a se envolver com a Igreja da parada 59 quando seu segundo filho, Carlos Eduardo dos Santos, entrou para a catequese a fim de se preparar para a primeira comunhão.

Enquanto Eduardo aprendia alguns princípios e conhecimentos fundamentais da Igreja Católica, como os dez Mandamentos e as principais orações, Eraci aceitava o convite de uma irmã da Igreja para participar da Pastoral da Acolhida, ação que tem como função amparar as pessoas na comunidade paroquial a fim de confortá-las. “Resultado: eu estou há 20 anos fazendo Acolhida na Igreja”, afirma Eraci, que hoje também é coordenadora do projeto.

Após se juntar ao pai de Eduardo, o já falecido Joair de Matos, Eraci participou do grupo Bom Pastor, que tem como objetivo instruir os casais de segunda união nos valores cristãos. “Aí eles explicam por que que não pode comungar, quais são as diferenças, as normas. E a gente aceita, eu aceitei e continuei até que viuvei”, salienta.

Aos 42 anos, Eraci tentava terminar de construir sua casa em Cachoeirinha. Já estava há muito tempo acolhendo e recepcionando os fiéis na porta da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, até decidir que, depois da sua casa ficar pronta, ela também daria catequese. “Na outra semana, uma catequista: ‘Eraci tu não

quer dar catequese?’ Eu disse: ‘Nossa, eu não estava preparada para dar catequese agora, mas vamos embora!’”, disse, mudando o tom de voz ao interpretar a catequista que a convidou.

Hoje, aos 62 anos de idade, Eraci teve que parar de dar catequese aos sábados por causa do câncer que enfrenta no fígado e no pulmão. Descobriu a doença entre final de novembro e início de dezembro do ano passado, quando estava trabalhando de faxineira na casa de um casal de médicos. Ao sentir muita dor no estômago devido ao pressionamento do câncer do fígado, que já dificultava a sua alimentação e causava enjoos, Eraci foi levada para uma clínica de radiologia, onde o médico apontou como altamente maligno.

“O médico disse que esse câncer que estourou agora é o mesmo de 30 anos atrás quando eu tirei. Não era câncer, era nódulo benigno, mas já estava enraizado. E veio estourar agora! Então Deus me deu esse tempo todinho, 30 anos, para eu poder tocar a minha vida, fazer tudo que eu tinha que fazer. O que tava predestinado aconteceu”, relata. As pessoas próximas a ela questionam o porquê da doença ter acometido alguém que é tão religiosa, tão católica, que tem tanta fé, mas Eraci adverte que era para ser com ela, que não poderia ter sido diferente.

“Se fosse há trinta anos atrás que tivesse estourado, porque poderia ter estourado o câncer lá naquele tempo, de repente minha cabeça seria outra, eu não ia ter essa mentalidade, essa espiritualidade, essa vivência toda que eu tenho agora”, explica. Devido ao tratamento

quimioterápico que ocorre a cada 21 dias, Eraci começou a perder o cabelo. Ao ver seus fios capilares caírem quando tomava banho, decidiu raspar a cabeça.

Às 17h20 do último 30 de abril, com um lenço verde em volta da cabeça, Eraci me recebeu em sua casa, agora no distrito de Morungava, em Gravataí. O tempo começava a esfriar quando eu estava no ônibus que me levaria até ela. Na hora de descer na parada, lembrei da orientação que me deu por telefone. “Quando você passar pela parada 95, puxa o sinal e desce na próxima, tá?”, aconselhou Eraci na sexta tentativa de nos comunicarmos, já que a ligação sofria interferências bruscas devido aos morros em torno da rodovia estadual RS-020.

Sentada em uma poltrona na sala, Eraci parecia uma fortaleza de força ao me responder calmamente diante da enfermidade que enfrentava. “Nunca chorei uma lágrima por causa da doença. Não botei uma lágrima para fora por causa disso, choro por outras coisas, pela doença não. Sabe, não me revolto com Deus. Se eu merecia, se eu precisava, se eu tinha que passar por isso, eu estou passando”, disse Eraci, que tinha as mãos adormecidas no colo, abraçando-se.

“O filho de Deus não morreu na cruz? Precisava morrer? Morreu! Então por que que eu vou reclamar agora? Ele se entregou até o final, por que que eu não vou deixar acontecer a vontade dele? Se é a vontade dele, se eu preciso passar por isso, eu vou passar, da melhor forma possível, porque não adianta ficar chorando”, argumenta.

“Eu não tenho medo de morrer, nunca tive medo de morrer. Pode ser que eu dure ainda 10, 20 anos. Mas posso morrer daqui um mês, dois. Pode ser que daqui a pouco me dê um piripaque, sem mais nem menos. A gente não sabe. Então vou ficar me preocupando com o dia da minha morte?”, disse Eraci, inquietada. Para ela, Deus está sempre trabalhando no projeto que constrói para nós, mas insistimos em nos desviar de nosso caminho e as consequências aparecem, apesar de Deus tentar resolver da melhor forma possível.

“Sempre tem alguma coisa acontecendo porque Deus tá sempre trabalhando, ele nunca te deixa na mão, ele não quer o teu mal, ele nunca quis”, conclui. Os acontecimentos colocam Eraci dos Santos Francisco em movimento com aquilo que se envolve. Ela faz parte, por exemplo, da Pastoral Social, que tem o objetivo central de ajudar a comunidade de fiéis com visitas domiciliares.

“A gente lê a palavra de Deus, a gente lê a bíblia, faz estudo da palavra na casa das pessoas. Faz a leitura orante, cada um coloca aquilo que entende da palavra, qual foi a mensagem que recebeu dali. A gente conversa, dá conforto espiritual para as pessoas. A gente deixa elas conversarem, deixa elas exporem o assunto delas, o problema delas”, disse. A proposta do projeto é escutar as pessoas em torno de uma hora, mas o tempo sempre é ultrapassado devido aos depoimentos e exemplos que surgem ao longo das conversas com as pessoas da comunidade.

Eraci relata que certa vez, numa dessas visitas em casa, uma senhora perdeu o marido e não conseguia conversar. “Olha, o dia de hoje é da senhora. Se a senhora quiser chorar, se a senhora quiser espraguejar, se a senhora quiser mandar nós embora, mande. Se a senhora quiser falar, fala. O dia é teu”, disse Eraci na frente da porta da viúva. No final, até um sorrisinho apareceu no semblante da senhora que tentava elaborar a dor da perda do marido.

Em meados de julho de 2013, quando o Papa Francisco veio ao Rio de Janeiro por causa da Jornada Mundial da Juventude, Eraci viajou para vê-lo. Os grupos de jovens se organizaram e fizeram uma reunião em Alvorada para acertar os detalhes da viagem que os levaria para o encontro com o Bispo de Roma, o principal líder da Igreja Católica Romana. A Eraci teve a oportunidade de se deparar com o papa a uma distância de dois metros. “Aquele sorriso lindo, lindo, lindo do Papa. Contagante, muito, muito bom”, lembra.

Hospedada com outros fiéis no Ginásio do Colégio Nossa Senhora da Conceição, em Realengo, Eraci não sabia se tirava foto, se olhava para o Papa Francisco, foi tudo muito rápido. “A sensação é como se tu saísse de ti, como se tu saísse do teu corpo. Parecia que o espírito saiu de mim, coisa mais impressionante, nunca tinha sentido sensação igual àquela, foi muito, muito gostosa!”, relembra Eraci ao descrever a sensação que teve quando estava a metros do Papa Francisco.

Ao me mostrar as 700 fotos que tirou ao longo do percurso no Rio de Janeiro, percebo naquela mulher corajosa

um sorriso ao mostrar cada momento capturado com amigos da Igreja, peregrinos do nosso imenso país, fiéis do mundo todo. Ao me alcançar um dos álbuns que continha imagens de um dos dias da viagem, Eraci fala da expectativa que ainda tem de reencontrar o Papa argentino. “Se Deus Nosso Senhor quiser, quando ele voltar ano que vem eu quero ir. Em Outubro, que daí ele vai ir em São Paulo, quando fizer 300 anos que acharam Aparecida. Ele vai vir, se Deus quiser!”, disse Eraci confiante.

Num dos momentos, conversávamos sobre as passagens da Bíblia. Eraci, serena, argumenta que uma das passagens que mais chama a atenção dela é a das bodas em Caná da Galiléia, em João. Nela, o primeiro milagre de Jesus Cristo é descrito. A água das talhas de pedra, para as purificações dos judeus, é transformada em vinho, no melhor dos vinhos.

Sua mãe, Maria, diz aos serventes: “Fazei tudo quanto ele vos disser”. No que Eraci completou: “E não se arrepende”. Roubei a deixa e perguntei: “E você, Eraci, se arrepende?” Eraci dos Santos Francisco me olhou com convicção e respondeu: “De jeito nenhum. Entrego a minha vida nas mãos dele todos os dias, o que ele tiver preparado para mim, o que ele achar que tem que ser feito comigo, vai ser feito. E eu vou acatar!” Mesmo com as dificuldades da doença, com as dificuldades da vida, Eraci parece tirar muita força dessa conversa, e não das rezas, que mantém com Deus. 3X4

ISLÃ QUER DIZER PAZ

MARTA KARRER

NO COLÉGIO, TIVE UM PROFESSOR DE GEOGRAFIA chamado Guilherme Guerra. Anos depois, na faculdade, quando sugeri uma pauta sobre a fé islâmica, passaram-me o contato de Mahmoud Ibrahim. Ligando para marcar a entrevista, descobri que eles eram a mesma pessoa. Mahmoud é abreviação do nome que ele escolheu em homenagem ao avô sírio. Guilherme é o nome profissional do professor que, hoje em dia, dá aulas de Geografia e Política na UFRGS.

Atualmente, temos 1 milhão e 200 mil muçulmanos no Brasil. Mesmo assim, para o professor, o grupo não é representado honestamente nos meios de comunicação: “A mídia passa que o barbudo, a mulher de lenço, o cara que se veste de uma forma diferente, é um terrorista”, afirma.





Era segunda-feira de manhã e estava frio. Desembarquei do trem em Canoas sem saber ao certo quem iria entrevistar. Mahmoud tinha me dito que não estaria na sala de orações, mas que conseguiria alguém para me receber. Nunca pensei que o primeiro endereço visitado seria uma loja de suplementos alimentares. Lá, falei com Anuar Hamad - filho de pai palestino e mãe brasileira, estudou em um colégio católico a vida inteira e aos 20 e poucos anos, começou a praticar o islamismo. Hoje, aos 34, tem uma visão bastante racional da religião. "Todos nós buscamos a felicidade. E Deus nos informa que a felicidade está na submissão", explica. Ele me conta que o significado da palavra *Islam* é paz, e *muslim* seria a pessoa que se submete ao Islã, e conseqüentemente, a Deus.

O comerciante não passa a imagem que associamos automaticamente ao homem muçulmano. Quando me recebeu, usava camisa e calça jeans. A barba não era maior do que a de alguns amigos meus. Contudo, bastam alguns minutos de conversa para que a certeza de quem pratica uma fé venha à tona: "Eu sei que eu estou fazendo a coisa certa, do jeito certo, na hora certa. Isso me traz um estado de paz. E também me resolve muitas incógnitas - de onde eu venho, para onde eu vou?"

Com metáforas de navegação, estradas, caminhos e viagens, Anuar deixa claro que as leis islâmicas são o maior guia na sua vida. Sua concepção desmistifica ideia errônea que muitas pessoas têm do Islã como algo arcaico e radical. "Hoje, quem não se atualiza se torna um descrente", argumenta.

O relato dele me mostra que, em certos pontos, um sistema de crenças que existe há milênios consegue ser mais atual que a Constituição brasileira: segundo o Corão, a vida só existe a partir do quarto mês de gravidez. "Se uma mulher foi estuprada e ela não quer gerar um filho, ela não está matando um ser. Se ela não quer gerar esse filho, ela tem um período de escolha. Tudo isso é racional", explica.

Anuar reforça que o grupo terrorista Estado Islâmico representa um ideal oposto ao que prega o Islã e acrescenta que todos os muçulmanos acreditam que o propósito da organização é difamar a religião. Além disso, explica que um Estado de fato islâmico seria uma sociedade onde todos, sem exceção, teriam seus direitos reservados. As pessoas "não-islamizadas" seriam mais protegidas pelo Estado do que os próprios muçulmanos. A motivação para isso não seria monetária, mas ideológica: a recompensa viria de Deus e na certeza no coração de ter salvo uma alma.

Depois de horas de entrevista, fomos até a mesquita de Canoas. Mesmo vazia, a sala de orações carregava a sensação de tranquilidade típica de um lugar sagrado. A decoração era simples. Tirando os sapatos, abrindo bem os olhos, busco absorver o máximo da atmosfera do lugar. Na estante, todo tipo de literatura sobre o Islã. Não há imagens nas paredes nem adornos extravagantes. Aquele é um lugar de oração.

Lá, encontramos o sheik Fares, que veio da África do Sul com a família para fortalecer a comunidade muçulmana na cidade. Um sheik é uma figura de autori-

dade dentro do Islã - no caminho, Anuar explica que a hierarquia é construída a partir do conhecimento. Quanto mais alguém conhece as escrituras sagradas, mais respeitado esta pessoa é. "Ele decorou todo o Corão!", exalta, apontando.

Em inglês, com o seu sotaque cerrado, Fares conta sobre sua terra natal. "A cultura muçulmana é muito mais desenvolvida lá do que aqui", afirma. Assim como ele, eu tiro os sapatos antes de pisar no carpete. Saudoso, Fares me conta que na África do Sul as *masjids* (nome árabe para as mesquitas) são numerosas, imponentes e nunca ficam trancadas. "Nós, muçulmanos, não estamos praticando como deveríamos. Deus dificultou as coisas para nós. Temos que deixar o lugar trancado para que não roubem as coisas. Acontece na África do Sul, acontece aqui", explica. Anuar ressalta: "Se todo mundo praticasse o Islã, não haveriam assaltos".

Talvez pensando que meu interesse na fé islâmica era pessoal e não meramente jornalístico, Fares me leva até sua casa para conhecer Shakirah, sua esposa e mãe de seus três filhos, que vieram correndo abrir a porta para mim. Tímidos, cumprimentam-me com um aceno e um "hello", até que o pai lhes corrige: "Assalamu Aleikum". Explica que esta é a saudação que os muçulmanos devem usar ao se encontrarem e ressalta a importância do seu significado ("que a paz esteja sobre vós" seria a tradução): "Quando dizemos isso, devemos dizer com os nossos corações".

Antes de conhecer Shakirah, passavam-me pela cabeça todas as diferenças que poderiam se tornar barreiras entre nós. Países diferentes, culturas completamente distintas. Eu, estudante universitária com 20 anos recém-feitos. Ela, esposa e mãe. Eu ainda tentando descobrir no que acredito e ela certa do caminho que Deus lhe destinou.

Com um sorriso no rosto, convidame para sentar à mesa da cozinha com ela e pergunta o que quero saber. Seu olhar traz o brilho de quem está realmente feliz com o caminho que escolheu. Quando peço permissão para gravar a entrevista, ela nega e seu marido explica: “Nossas mulheres são tão preciosas que até suas vozes devem ser preservadas”. Esse tipo de restrição é estranho para mim, mas não me cabe julgar. Percebo claramente que ali existem papéis diferentes a serem cumpridos pelo homem e pela mulher, mas Shakirah me assegura de que trata-se, acima de tudo, de uma parceria.

Pergunto como ela se sente quando fala do Islã e ela não hesita: “Me sinto grata. Grata por ter sido criada numa família muçulmana, grata por me vestir como me visto e por ter a vida que tenho”. É aí que percebo que não somos assim tão diferentes.

Cheia de orgulho, relembra que é filha de um sheik e por isso sempre foi encorajada a entender a raiz de cada um dos costumes da sua cultura. “Nunca me vesti assim por obrigação”, conta – no dia em que conversamos, Shakirah usava um véu decorado com pedrinhas brilhantes que cobria seus cabelos.

Diferente do marido, ela tem um inglês praticamente perfeito. Agora com 30 anos, conta que se casou aos 21, depois de rejeitar vários pretendentes. Para ela, o casamento arranjado pela família é uma segurança de que a pessoa terá uma boa índole. Assegurando que nada foi forçado, explica que seu rosto foi preservado até o dia do casamento. Entre aceitar o pedido e a cerimônia, foram cerca de trinta dias sem contato nenhum com o noivo. Dez anos, dois meninos e uma menina depois, ela não se arrepende de nada. Desde lá, teve confiança plena de que era este o caminho que Allah queria.

Ainda na loja, Anuar havia explicado sobre os direitos e deveres da mulher muçulmana. O que se percebe é uma valorização que se manifesta na proteção. Na concepção do comerciante, a quebra da ordem natural das coisas (no caso, um marido relapso que não transforma sua casa em um lar) “obrigou” a mulher a trabalhar para ter um sustento em caso de divórcio. Aliás, vale lembrar que o divórcio é permitido na lei islâmica, embora não seja encorajado.

Na mídia, muitas vezes vemos a mulher islâmica retratada como sem voz e oprimida. Shakirah me provou o contrário. Era evidente que ninguém a forçou a viver de acordo com a suna (livro que reúne as interpretações do profeta Muhammad sobre o Corão). A vivacidade, a alegria e a segurança que transbordam em seus olhos quando fala sobre sua fé não deixam nenhuma dúvida.

Mais cedo, enquanto saíamos da mesquita, Anuar havia me deixado com uma pilha de livros sobre os fundamen-

tos básicos do Islã e um convite: “Passa ali na loja antes de ir embora?”. Logo antes de descer as escadas do prédio, Fares me pergunta se não quero um chá. Com toda a compaixão do mundo nos olhos, Shakirah sugere: “Talvez um dia você possa aceitar nosso modo de vida para si mesma”. Abrindo a porta da frente, o sheik pede meu telefone para caso sua esposa se lembrasse de algo a acrescentar. Anoto o número, agradeço, despeço-me e cumpro minha promessa de voltar à loja de suplementos alimentares. Lá, Anuar me entrega um pacotinho de biscoitos, já que eu havia comentado que não teria tempo para almoçar. Carregando as falas, as lembranças e os presentes nos braços, sigo meu caminho de volta.

Ao sair de casa naquele dia, olhei-me no espelho, pensando se a roupa escolhida era adequada. Perguntei-me se teria acesso aos espaços religiosos não estando completamente inserida nos costumes da cultura muçulmana. Mesmo assim, fui. Quando cheguei de volta ao centro de Porto Alegre, ainda era segunda-feira e ainda estava frio. Mas com certeza, eu já não era a mesma.

Talvez a fé seja isso. Receber uma completa estranha de braços abertos, abrir a cabeça a uma cultura completamente diferente da nossa e tentar aprender no processo. Talvez fé seja a certeza no olhar que encontrei em cada uma das pessoas descritas neste texto. Talvez seja a sensação de serenidade que, enquanto eu ia por uma rua movimentada e perigosa em direção à estação de trem, esvaíava-se em meio aos caos urbano. Talvez ter fé seja simplesmente buscar a paz. **3X4**

GRAÇAS À FÉ

ISADORA DUARTE

“Para quem acredita nenhuma palavra é necessária, para quem não acredita nenhuma palavra é possível.”

SANTO IGNÁCIO DE LOYOLA

A FRASE ACIMA RESUME ESSA REPORTAGEM. Nada pode ser dito sem que ela seja o plano de fundo e o início desta reflexão. Estas mesmas palavras emolduram o busto de Santo Ignácio, ao centro do Jardim de Todos os Lugares, um pequeno jardim próximo a casa que leva o seu nome: a Casa Dom Inácio de Loyola em Abadiânia. Fundada pelo médium João de Deus, em 1976, no interior de Goiás, a casa é um templo ecumênico de cura espiritual. Fé, amor e caridade são os pilares que a sustentam.

O líder espiritual da casa, João Teixeira de Faria, 74 anos, cumpre nela sua missão de cura espiritual. Com 54 anos de atividades, é um dos mais procurados curandeiros espirituais do mundo: líderes políticos, religiosos e celebridades já o procuraram como uma espécie de guru. O médium ganhou fama internacional pelos seus métodos não tradicionais de intervenção cirúrgica. A ampla divulgação de seu trabalho atraiu os estrangeiros, que respondem a 80% do público da casa. O *Jhon of God*, como o chamam, já foi acusado de exercício ilegal da medicina.



Eraci e Luiz Carlos Nunes creem na cura pela fé.

Segundo informações do centro, o médium incorpora mais de 30 entidades identificadas, a maioria eram médicos como Oswaldo Cruz, Augusto de Almeida, José Valdivino, José Penteado, Zé Arigó, Chico Xavier, Eurípedes Augusto e Rei Salomão. O seu guia espiritual é o santo do século XIV Ignácio de Loyola.

Quando realiza as cirurgias espirituais, o médium diz estar possuído pelos espíritos benfeitores que operam pelas suas mãos. João de Deus não atribui as curas milagrosas para si. Em uma mensagem divulgada em seu site oficial, considera-se escolhido por Deus: “Eu não curo ninguém. Quem cura é Deus, que, em sua infinita bondade permite as entidades que me assistem proporcionar cura e consolo aos meus irmãos, ao passo que sou apenas um instrumento em suas divinas mãos”.

A casa segue a Doutrina Espírita Kardecista, mas aceita todas as pessoas, independentemente de suas crenças ou convicções religiosas. Atende gratuitamente cerca de três a cinco mil pessoas por semana. Em seus 40 anos de atuação, o centro já recebeu mais nove milhões de pessoas. Já foi tema de reportagens internacionais, documentários e livros, todos tentando explicar e entender os fenômenos que acontecem em Abadiânia. Esta reportagem não tem esta pretensão, iremos apenas conhecer uma de suas histórias e permitir que você se guie pelas próprias conclusões.

Desenganados pela medicina convencional, desacreditados em um milagre pela ciência, a Casa serve como guarida para aqueles que buscam a cura para suas enfermidades. A dois mil km de Abadiânia, em São Leopoldo, na Região Metropolitana de Porto

Alegre, o radialista e jornalista aposentado, Luiz Carlos Nunes, 67 anos, é um destes casos de cura.

Era quinta-feira, 12 de outubro de 2000, numa de suas visitas de rotina à Abadiânia, Nunes estava aguardando a fila das 14h – como é chamado o atendimento da tarde –, em meio ao salão principal lotado de pessoas. João de Deus estava no palco realizando cirurgias visíveis, ou seja, cirurgias com corte. Enquanto o médium higieniza as mãos do procedimento que fizera, olha atento para o público, procurando alguém e aponta para Nunes, chamando-o. Nunes sobe ao palco, onde é colocado sentado em uma cadeira, com um lençol branco enrolado no seu corpo. João de Deus apoia um travesseiro em suas costas e com a cabeça de Nunes abaixada, começa a raspar parte do

seu cabelo, no local em que estava um tumor cancerígeno, no lado direito da cabeça. Apertou o caroço com os dedos até escorrer um espesso líquido branco, fez um corte e com uma pinça retirou o suposto tumor. Com uma gaze limpou o sangue que escorria sob o rosto de Nunes e seguiu para um novo corte com bisturi, abaixo do olho direito, onde estava localizado outro nódulo. Da maçã de sua bochecha extrai o caroço e encaminha o paciente para seus assistentes, que o levam até a enfermaria. Nos dois cortes, Nunes não recebeu pontos e segundo ele, não contraiu nenhuma infecção. O último corte deixou uma pequena cicatriz no rosto.

O procedimento aconteceu sem anestesia, como é comum nessas cirurgias espirituais, com Nunes acordado, mas de olhos fechados. “Eu acompanhei tudo, estava consciente. Não senti nenhuma dor. Somente sentia que alguém estava mexendo na minha cabeça”, explica. O atendimento cirúrgico de Nunes foi gravado em VHS e o vídeo de sete minutos está disponível no YouTube.

Mas, a história de cura espiritual de Nunes começa muito tempo antes dessa cirurgia visível. Em 1997, o radialista percebeu o surgimento de um “caroço” no rosto e na cabeça, ambos no lado direito. Em consulta médica descobriu que estava com um câncer cerebral. Encaminhado em duas ocasiões e com equipes médicas diferentes para intervenção cirúrgica, foi desenganado de sua cura – os médicos se negaram a realizar o procedimento. O diagnóstico apontou que se Nunes realizasse uma cirurgia as sequelas seriam graves como cegueira, surdez, perda da voz e paraplegia. Eraci, 61 anos, sua esposa, rememora este momento “Os médicos me disseram que a melhor coisa que eu faria era levar ele para casa, pois teria de dois a três meses de vida, não havia cura. Era para eu levá-lo para morrer em casa”. Eraci

conta que, passado o susto da notícia, encarou tudo com naturalidade, pois sabia que tinha solução: Nunes já havia curado um câncer intestinal em Abadiânia.

No retorno à Casa de Dom Inácio, Nunes procurou a entidade que identificou como sendo o espírito do Dr. Augusto de Almeida e recebeu a orientação para o tratamento da enfermidade “Ele me disse: Filho, se você assumir o compromisso de voltar aqui várias vezes durante o ano, eu cuidarei de você, você não vai morrer. Quando tive essa resposta, fiquei tranquilo, pois sabia que ele cuidaria de mim”, conta Nunes.

Voltaram para sua casa em São Leopoldo e conviveram normalmente com a doença que acometeu Nunes, ambos seguindo as suas atividades de trabalho. Dali em diante, o casal passou a viajar de dois em dois meses para Abadiânia, oportunidade em que Nunes repetia o pedido de cura para a entidade e recebia a resposta positiva de que estava sendo cuidado. Com bom humor, Nunes fala sobre esse tempo de espera pela cura “Os poucos meses de vida que os médicos me deram, já haviam passado. Eu já estava vivendo de gorjeta. E cheguei até hoje vivendo de gorjeta”. Na Casa de Dom Inácio todos os pacientes são orientados a seguir com o tratamento da medicina tradicional. Segundo Nunes, os médicos são considerados pelas entidades como anjos enviados por Deus. Nunes não manteve as consultas médicas, porque havia o desenganado. Diante da incapacidade médica de tratar a sua enfermidade, recorreu ao auxílio divino e aguardou a cura até o dia de sua cirurgia espiritual.

O que levou Nunes esperar esses três anos até a cura foi a crença no poder das entidades e na graça de cura que já havia recebido. Quando conheceu o “mundo” da cura espiritual, Nunes já tinha contato com as questões espíritas e estava familiari-

zado com a mediunidade, porque é membro da fraternidade umbandista Cavaleiro de São Jorge, influenciada pela doutrina de Allan Kardec. “Eu sempre tive a espiritualidade na minha vida. Eu sempre acreditei no mundo espírita”, salienta.

Nunes chegou a Abadiânia pela primeira vez em 1996 acometido por um câncer intestinal associado a diverticulose. Nunca havia ouvido falar de João de Deus e não conhecia o trabalho da Casa de Dom Inácio. O seu primeiro contato com o centro foi através de um primo que levava uma foto sua para um trabalho espiritual. A foto voltou para as mãos de Nunes com uma cruz e um pedido para que fosse até a Casa. Após uma viagem de ônibus, que durou 32 horas, chegou a Abadiânia e passou por uma cirurgia coletiva: sem corte, sem toque, sem nenhum contato físico. Essas operações invisíveis consistem em sessões de reza, meditação e práticas de energização.

Na volta para sua casa, em uma consulta com a médica que se tratava, Nunes a surpreendeu com o seu estado de melhora. A médica, desconfiada, solicitou que ele repetisse a bateria de exames para constatar o seu real estado de saúde. Feito o check-up, o radialista retornou ao consultório médico e mais uma vez surpreendeu a doutora. Ao ver as imagens de diagnóstico, a médica estupefata constatou que havia um corte suturado na região intestinal de Nunes e desconfiou que ele havia passado por um procedimento cirúrgico. Mas, após examinar minuciosamente a região abdominal verificou que não havia nenhuma cicatriz externa. “A médica ficou ali descrente. Não me devolveu os exames e constatou que o laboratório tinha feito o exame errado ou trocado o exame”, contou. Passado o tratamento, curado, Nunes seguiu sua vida com as atividades normais e de rotina até receber o diagnóstico do tumor cerebral.

A UNIÃO PELA CURA

Nunes e Eraci se conheceram três meses antes do segundo diagnóstico de câncer do radialista. O casal se encontrou em uma viagem para Abadiânia, em fevereiro de 1997. Eraci frequentava há um ano a Casa de Dom Inácio para tratar de fortes dores na coluna, que passavam somente com injeções de corticoides. A comerciária se livrou das dores e ainda foi abençoada com a reversão de um diagnóstico de leucemia, com o desaparecimento total dos sintomas.

O relacionamento que começou na base da espiritualidade fortaleceu os laços do casal – católicos praticantes – para juntos buscarem a cura de suas enfermidades, como frisam ambos sentados lado a lado nas poltronas do apartamento em que moram em São Leopoldo – este de-

corado com símbolos espíritas, católicos, quadros com pinturas de entidades espíritas e porta-retratos com fotos deles com o médium João de Deus e o seu mentor Chico Xavier.

O histórico de sucesso em curas de enfermidades do casal instiga a todos quanto aos porquês e causas das curas. Perguntados sobre os motivos, juntos respondem sem hesitar “É a fé que cura. Sem a fé não tem cura. As entidades mesmo dizem foi a fé que te curou”. Eraci acrescenta que muitas pessoas buscam a cura em Abadiânia sem estarem conectadas com a espiritualidade e crenças da Casa “As pessoas que não tem fé, que não acreditam em cura espiritual, não terão resultado. Elas têm pressa na cura e a espiritualidade é mais

lenta, porque trabalha primeiro na causa da doença”. Conforme Eraci e Nunes, os três anos de espera para a cura do segundo câncer do radialista foi suportável pela crença deles: sem dúvidas, sem questionamentos, graças à entrega de coração aberto às entidades.

Em 2009, receberam um pedido da entidade Dr. José Valdivino, atribuindo-lhes uma missão: realizar excursões à Abadiânia. Em agradecimento às curas recebidas, o casal organiza mensalmente viagens nas quais levam pessoas da região do Vale dos Sinos que carregam o sofrimento da dor e o desejo comum de receber o amparo divino. As graças e as curas se multiplicam. Nem a ciência, nem a medicina explicam. Somente a fé. **3X4**

Fotografias de João de Deus e símbolos religiosos decoram o apartamento do casal.



CONSELHO DAS MU

LETÍCIA PALUDO

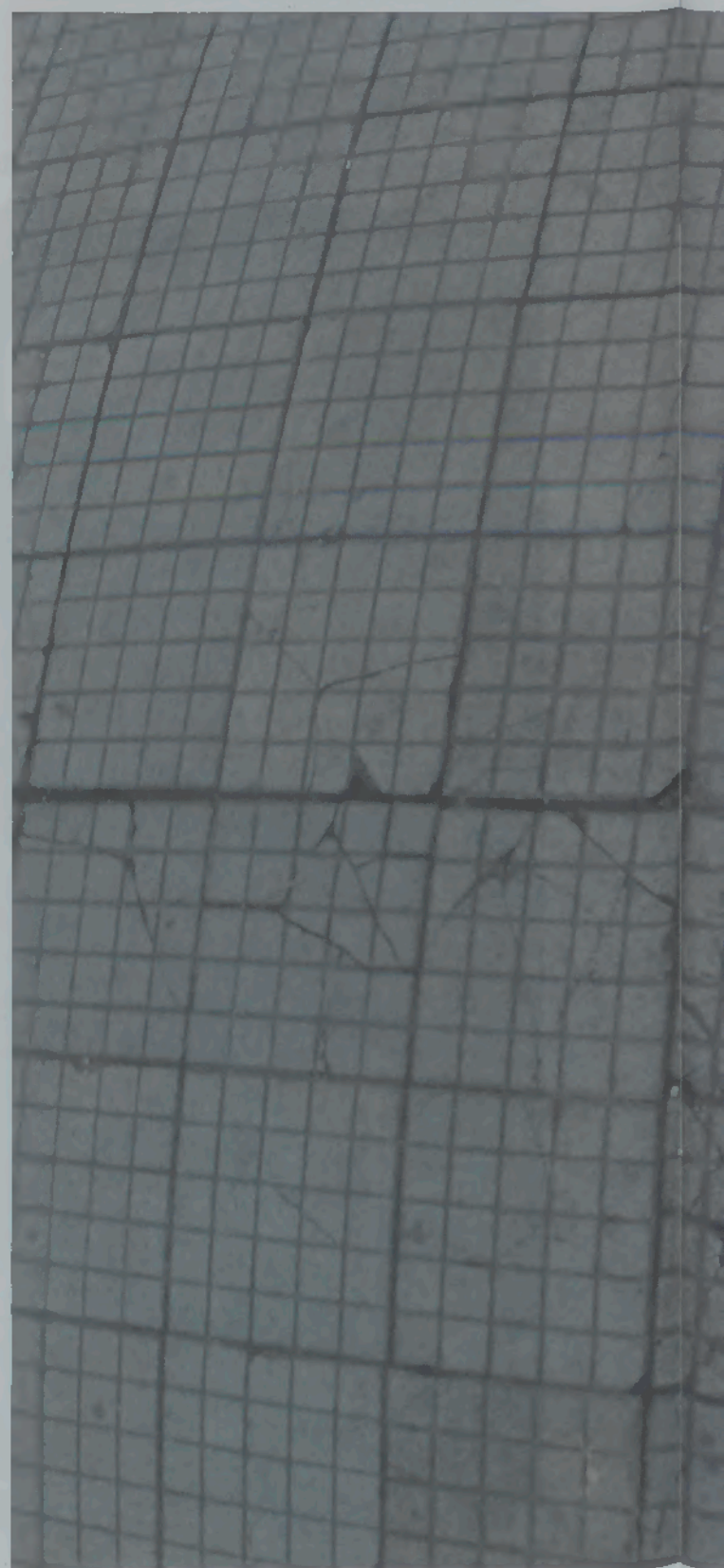
PASSAR PELO CENTRO DE PORTO ALEGRE é corrida de obstáculos. Desviar de quem compra cabelo e de quem oferece consulta ao SPC e Serasa, driblar o vendedor de Chip da Oi e passar longe do cidadão que acha que tu precisas abraçar uma vida saudável à base de shake e chá-verde. Numa dessas tardes, enquanto caminhava pela praça Montevideó, em frente ao prédio da Prefeitura da Capital, deixei-me topar com um desses obstáculos humanos. Quando me dei por conta, tinha a palma envolta pelas mãos de uma senhora cujo sorriso era iluminado por um centroavante de ouro: uma cigana.

Não é raro encontrá-las. Faz parte da sua rotina passar os dias caminhando em torno do chafariz do Paço Municipal ou próximo à Galeria do Rosário, abordando transeuntes e oferecendo seus serviços.

“Me dá um troquinho, querida, que eu leio a tua mão, linda”, disse Joana, a cigana que segurava minha mão.

Tenho um fraco por adjetivações e, não estivesse predisposta a prostrar-me com aquela mulher, provavelmente teria aceito o convite só pelas palavras escolhidas para me fisgar. Pegou os únicos dois reais que eu tinha a lhe oferecer, passou os dedos sobre a linha do “M” na minha mão e falou as mais desconcertantes coisas. Do passado, presente e uma ou duas medidas que acreditava serem boas para um futuro feliz. Mas não é das predições de Joana que tratarei neste texto. Quero falar do momento em que pedi licença e me sentei ao lado de Joana, Vó e mais duas ciganas, para tentar inverter os papéis e lê-las.

O imaginário em torno destas figuras limita-as a charlatãs, ágeis gatunas que passam a mão na carteira dos desavisados e que rogam praga ao infeliz que recusa-lhes um troco



MULHERES DO VENTO

Foto: Letícia Paludo



ou um cigarro. Também existem muitas queixas em torno da abordagem adotada por elas, invasiva, às vezes agressiva e difícil de se desvencilhar. Tais características colocam uma aura de intolerância em torno destas mulheres. Não me proponho a questionar a veracidade das práticas das ciganas da Praça Montevideo, nem a agir como juíza de seu caráter e comportamento. Proponho apenas dividir o que vi e ouvi naquela tarde em que parei de tratá-las como inconveniências no meu caminho para enxergá-las como os indivíduos dotados de história, crenças e cores que são.

“Nós Ciganos só temos uma religião: a liberdade.

Em troca dela renunciamos à riqueza, ao poder, à ciência e à sua glória.

Vivemos cada dia como se fosse o último.

(...)

É difícil entender estas coisas, eu sei.

Ciganos se nasce.

Gostamos de caminhar sob as estrelas.

Contam-se coisas estranhas sobre os Ciganos.

Dizem que leem o futuro nas estrelas e que possuem o filtro do amor.

As pessoas não creem nas coisas que não sabem explicar.

Nós, ao contrário, não procuramos explicar as coisas nas quais cremos.

A nossa é uma vida simples, primitiva.

Basta-nos ter o céu por telhado, um fogo para nos aquecer

e as nossas canções, quando estamos tristes.”

VITTORIO PASQUALE SPATZO – poeta cigano

Há registros da presença do povo cigano no Brasil desde os primeiros anos do período colonial. Porém, sua cultura nômade e o hábito da oralidade para a transmissão do conhecimento, em detrimento da escrita, corroboram para a aura de mistério que envolve essa gente. “Quem são os ciganos, afinal?” questiono, sentada no pano que Joana gentilmente dividiu comigo quando

percebeu que nossa conversa seria longa. Quem responde a minha pergunta é a Vó, parafraseando o poema de Spatzo: “Cigana é a nossa raça. Ninguém se torna cigana, se nasce”.

Essas mulheres fazem parte de um povo místico e antigo, que vive em constante batalha para não se submeter às restrições de uma civilização. Porém, alguns aspectos da sua cultura têm se adaptado gradualmente à vida em sociedade, de forma que até mesmo seu nomadismo característico pode ser colocado em questão. Para conhecer e entender as ciganas da praça, busquei informação não só com elas, mas também com Mãe Ana de Oyá Bagesteiro, cigana por casamento com Pai Neco de Oxalá, que trabalha com a difusão e a permanência da cultura cigana em Porto Alegre: “Aqui na cidade, as baixadas do Parque Moinhos de Vento, nas décadas de 30, 40 e 50, foram as principais moradas para os acampamentos ciganos. Hoje, somente os ciganos de mais baixa renda vivem em acampamento”.

Quando veio de Florianópolis para Porto Alegre, há oito anos, Joana deixou para trás os coloridos barracos do seu acampamento e passou a morar com sua família em apartamentos convencionais no centro da cidade. Mesmo assim, há um esforço do povo em se manter unido, morando próximo. Joana e as outras duas mulheres residem todas em um mesmo edifício, ainda que em casas diferentes.

Outra característica marcante do povo, a educação familiar de suas crianças, também adaptou-se: “Não é como antigamente, hoje está melhor, nossas crianças vão pra escola como qualquer um de vocês”.

Porém, pude perceber ao longo da conversa que certos valores permanecem engessados dentro da cultura, como é o caso da pouca tolerância com a homossexualidade e da subordinação ao marido: “o centro de suas vidas é o

casamento. Na relação entre homem e mulher, o homem tem bem delineado o seu papel de provedor através do comércio de carros, cobertores e tapetes. Já a mulher fica encarregada de cuidar dos filhos e preparar as refeições: “A gente não precisa trabalhar, quem traz o dinheiro são os homens com a venda dos carros”, explica Joana.

Enquanto eu e Joana conversávamos, a Vó murmurava incessantemente no idioma delas, completamente ininteligível pra mim. O murmurar ficou mais enfático quando eu quis saber mais sobre seus casamentos, se eram felizes, se tinham escolhido seus parceiros. Com a reprimenda, Joana desconversou, mudando de assunto.

Busco com Mãe Ana de Oyá a resposta que Joana me negou. Ana conta que os jovens às vezes namoram pessoas que não pertencem à raça, mas que sempre há um esforço por parte da família para que o casamento ocorra entre clãs, mantendo “pura” a raça e evitando que os membros da família se desgarrem, vão morar longe dos demais.

CONSELHEIRAS

Se casa e sustento já estão garantidos, o que motiva estas mulheres a passarem suas vidas vagando pelo centro da cidade? São horas e horas de “Moço, leio a tua sorte, querido” e “Dá um cigarrinho pra vó, dá, bonita? Dá um cigarro que eu leio a tua mão.”

Quando pergunto se elas estão ali por causa do dinheiro, Joana me dá o mais irônico dos sorrisos e diz: “Tu acha que estamos aqui pelo dinheiro? Tem coisa melhor pra fazer pra ganhar dinheiro, querida. Nós três, num dia bom, não ganhamos mais do que 50 reais somando nossos trocos”.

Não, estar na rua tem muito mais a ver com a necessidade que a mulher cigana sente de estar em movimento, explica: “O lugar da cigana é no mun-



do, ficamos doentes se ficamos trancadas em uma casa, somos mulheres do vento e do sol". Liberdade para elas é poder passar um dia agitado conversando e aconselhando desconhecidos. Se com isso ganharem dinheiro para ajudar em casa, tanto melhor.

Aconselhar. Uma grande responsabilidade supor-se capaz de orientar alguém, indicar um caminho, ainda mais quando estas ciganas não fazem estudo algum da quiromancia. A habilidade de ler, não somente a palma da mão, mas também as linhas do rosto, os olhos e os trejeitos das pessoas, vêm de nascença e concerne apenas às mulheres ciganas. Aconselham porque veem o indivíduo com uma clareza que ele próprio não consegue enxergar.

Dizer que um dom provém de nascença abre margem para tanto charlatanismo que me preocupo com os estragos que um conselho, se dado despreocupadamente à uma pessoa emocionalmente instável, poderia fazer. Questiono Joana à esse respeito e a cigana, que é católica, defende-se com rispidez: "É Deus quem manda menina, nada que sai da minha boca é em vão,

nada que sair daqui vai fazer mal. Tem tanta gente podre por aí, que mal eu estou fazendo ao dar um conselho?".

Uma mulher de cerca de 40 anos atravessa a Borges de Medeiros, se aproxima da Vó e lhe estende a mão. Eu e Joana discretamente paramos de conversar para tentar ouvir. "O que é que tu precisa, querida?" pergunta a Vó. "Quero que meu marido volte pra casa. Quero que a gente se acerte ou que ele me pague tudo o que deve antes de ir embora", responde a mulher.

Ao ver o desenrolar da cena, Joana comenta: "Tá vendo? Não é só a gente que chama as pessoas, elas vem até nós, desesperadas às vezes". Aconselhar e fazer uma prece para que o melhor dos desfechos prevaleça na vida de quem lhes pede orientação, é essa a sua missão nas tardes que passam na praça. Ao fim da nossa conversa, a astuta Joana inverte nossos papéis novamente e pede que eu lhe conte um pouco da minha história, das minhas aflições e em que tenho fé. Respondo que nunca me senti tocada por força superior alguma para ser devota a algo, mas que me sinto

aberta à possibilidade, caso venha a acontecer. Joana enruga e testa e me diz: "Tu não passa necessidade, não te falta nada. A pessoa que passa necessidade se perde e não sabe o que pensar. Quem sabe quando tu te perder, vai se sentir tocada por Deus, alguém muito maior que tu, e vai vir até a gente pra um conselho".

Durante o tempo em que estive com elas, contrariando sua fama de ladras, as ciganas não levaram nada que eu não estivesse disposta a oferecer. Muito pelo contrário, enriqueceram-me com suas coloridas histórias de mulheres andarilhas. Levanto-me do chão da praça satisfeita com a conversa e considerando a oferta de voltar mais vezes para um dedo de prosa com Joana. Meu devaneio se encerra no momento em que minha quase-amiga pergunta:

"Dinheiro tu não tem mais, mas um perfume, um perfume que tu não usa mais tu pode trazer pra cigana, né?"

Sorriso e me despeço. Entre estas conselheiras e mercadoras, tudo tem um preço. **3X4**

SATANISMO COMO FILOSOFIA DE VIDA

KARINE MENONCIN

UMA SEITA QUE PREGA A PAZ E DEFENDE A LIBERDADE RELIGIOSA. O Satanismo Real, fundado em 2011, contraria a imagem que geralmente passa pelas nossas cabeças quando fala-se sobre adoração a Satã. Mineiro, natural de Juiz de Fora, Agnes Farias é fundador e sacerdote do Templo de Amor a Satã. Com dois livros publicados sobre o assunto, “Satanismo Real: o caminho para chegar a Satã” e “A prática do Satanismo Real”, Agnes perpetua nas mídias digitais e na vida cotidiana os ensinamentos de Satã. Somente no Youtube, o canal oficial já soma mais de 360 mil visualizações em seus vídeos.

Com publicações que defendem o “amor inteligente”, pedem respeito às crianças e homossexuais, além de se firmarem contrários ao uso de sangue e sacrifício de animais em pactos e rituais, o site do Satanismo Real também divulga orações, preces e incentiva a individualidade e a busca pela ascensão pessoal e espiritual. Em uma entrevista introdutória sobre o assunto, Agnes Farias ressalta pontos sobre a seita, exemplifica as práticas e descreve o preconceito que ronda o satanismo.

3x4 Quando e o que motivou a criação do Satanismo Real? Tem alguma relação com outros grupos satanistas anteriormente fundados?

AGNES FARIAS Eu e minha esposa, Délcia Farias, fundamos o Satanismo Real em 2011, mas antes disso tive 33 anos de preparação. O Satanismo Real é uma vertente independente de qualquer outra. Temos nossa própria doutrina e filosofia não estando vinculada a qualquer outra seita ou segmento.

3x4 Vocês têm uma sede física onde ocorrem os encontros do grupo?

AGNES FARIAS Temos um templo em nossa própria casa, mas não é aberto ao público, sendo voltado a atendimentos individuais previamente agendados.

3x4 O satanismo tem linhas mais ligadas ao ateísmo e outras são mais teístas. Onde o Satanismo Real se encaixaria? Quais são as crenças que você e os seguidores tomam para si?

AGNES FARIAS O Satanismo Real pode ser definido como teísta, pois, para nós, Satã é um Deus de igual grandeza e magnitude que o Deus dos cristãos. Cultuamos Satã como um verdadeiro Deus e um dos objetivos do Satanismo Real é mostrar ao mundo a verdadeira face de Satã, desmistificando a ideia errada e conveniente imposta pela cultura cristã. É um caminho alternativo que oferecemos a quem acreditar e desejar seguir. Podemos dizer também que é uma filosofia de vida. Muitas coisas que ensinamos podem ser colocadas em prática independente da pessoa seguir ou não o Satanismo Real.

3x4 Você acredita que o Satanismo é o oposto do Cristianismo ou eles são da mesma vertente, uma vez que Lúcifer era um arcanjo e faz parte das crenças cristãs?



AGNES FARIAS O Satanismo Real é basicamente opositor do cristianismo por conter ideias e conceitos absolutamente contrários ao que se ensinam e se impõem nas Igrejas. Para nós, Satã e Lúcifer não são os mesmos. Satã é nosso Deus e Lúcifer é o seu Primeiro Príncipe, o primeiro na hierarquia de seu reino.

3x4 Como funcionam os rituais do Satanismo Real e os 10 mandamentos de vocês?

AGNES FARIAS Nós temos rituais específicos mas são passados apenas aos nossos seguidores. Não há um ritual sequer que envolva sangue ou sacrifi-

cios de qualquer espécie. O Satanismo Real é um caminho de evolução espiritual acima de tudo. Quanto aos nossos Dez Mandamentos, você os encontra em nosso site com uma breve explicação sobre cada um deles (ver box).

3x4 Desde 2011, como as pessoas ficam sabendo do Satanismo Real e como o grupo recebe estes interessados?

AGNES FARIAS A divulgação do Satanismo Real é feita de várias formas: temos o nosso site, através do qual recebo centenas de e-mails diariamente, grupos no Facebook, um grupo no WhatsApp com 210 participantes atualmente, dois livros publicados e um canal no Youtube. Temos hoje seguido-

res em todo o Brasil e em outros países como Estados Unidos, México, Espanha, Portugal, Suíça e Alemanha.

3x4 Há muito preconceito em relação às crenças satanistas. Você crê que esse preconceito é advindo da imagem criada pelas Igrejas em relação ao satanismo? Existe alguma ligação do satanismo com a magia negra ou é pura crença sensacionalista popular?

AGNES FARIAS Satanismo hoje em dia é um termo extremamente generalizado em razão das muitas seitas e vertentes existentes, cada uma com suas ideias e suas práticas. É um meio extremamente perigoso, pois se encontra de tudo. Há seitas que realizam magia negra, sacrifícios de animais, sacrifícios humanos, tem de tudo realmente. É justamente esse um dos motivos de tanta discriminação ao satanismo, não só pela cultura cristã predominante, mas principalmente pelos pseudo satanistas, pelos ignorantes espirituais e por tantas pessoas que se escondem atrás do diabo para exercerem a sua maldade, a sua covardia e a sua perversidade. O Satanás da Bíblia foi criado e é incentivado pelas Igrejas justamente para carregar a culpa de todo o mal que existe no mundo, para ser o grande culpado de todos os erros da humanidade "inocente". Nós no Satanismo Real não fazemos qualquer tipo de sacrifício animal e muito menos humano, não usamos sangue em nada, nem no nosso pacto. Meus seguidores são orientados a respeitar todas as crenças e religiões, a não profanar símbolos religiosos no entendimento que devemos respeitar para sermos respeitados e que o caminho da fé, da crença, é individual, cada um tem o direito de seguir aquilo que

lhe faz se sentir feliz e realizado. Todo homem tem o direito de acreditar no que quiser e até mesmo de não acreditar em nada.

3x4 Então, de onde surgiu a crença de que se oferecem crianças em rituais satânicos?

AGNES FARIAS Na época da inquisição, os propangadistas da Igreja realizaram bem o seu trabalho de criar blasfêmias e lançá-las contra pagãos, templários e outros, que por causa de sua filosofia dualística e algumas lógicas satânicas precisavam ser erradicados, como de fato o foram. Os inquisidores proclamavam supostas heresias praticadas por esses grupos e nenhum cidadão de bem poderia falhar ao ouvir essas falsas histórias sobre missas negras e outras blasfêmias repugnantes tão minuciosamente descritas por eles. Exemplo disso foi a história criada que crianças sem batismo eram sequestradas pelos satanistas para serem flageladas e mortas ñas tais "missas negras". Essa criação não serviu apenas como uma forte propaganda, mas também como uma enorme fonte de renda para a Igreja na forma do pagamento dos batismos. Nos tempos atuais, muitas pessoas ainda acreditam nesses mitos criados pela Igreja Católica na Idade Média, que hoje conta ainda com o apoio de várias outras religiões e Igrejas que creditam todos os males e infortúnios do mundo à Satã, que, ao que parece, é o grande culpado de todos os erros da humanidade inocente...

3x4 Assim como existe charlatões na maioria das religiões tidas como "tradicionais", há pessoas que se valem do satanismo com "outras intenções"?

A questão dos charlatões é realmente uma maldição e, em nosso meio, é o que mais existe. Basta uma breve pesquisa na internet e vai encontrar um monte deles vendendo falsos pactos de riqueza por preços variados, vendendo magias e feitiços, principalmente da tal de amarração amorosa... Enfim, prometem qualquer coisa apenas para tomar o dinheiro das pessoas se aproveitando de sua boa fé e de seu desespero. São verdadeiros criminosos, estelionatários em sua maioria.

3x4 O Satanismo Real não cobra dízimo, mas se mantém através de doações dos seus seguidores? Existem outras fontes de renda para manutenção da sede e dos trabalhos feitos?

AGNES FARIAS Ao contrário do que você disse, o Satanismo Real não se mantém através de doações e garanto que se dependesse disso já nem existiria mais, pois é muito pouco o que foi doado até hoje, quase nada. Eu sempre mantive e mantenho o Satanismo Real com recursos próprios, sou Oficial da reserva da Polícia Militar e tudo o que fiz até hoje no Satanismo Real foi por minha conta mesmo. É claro que Satã provê os meus recursos, pois até hoje nada me faltou nem na vida pessoal nem para realizar a obra que faço. E realmente nada do que fazemos é cobrado sob qualquer pretexto. Há cerca de uma semana, inauguramos uma loja virtual para venda de produtos relacionados ao satanismo, mas, da mesma forma, todas as mercadorias colocadas à venda foram adquiridas com meus recursos financeiros. **3x4**

OS DEZ MANDAMENTOS DO SATANISMO REAL

- I** Amarás e odiarás com a mesma intensidade.
- II** Amarás a ti mesmo acima de tudo.
- III** Amarás ao próximo da forma que ele te amar.
- IV** Conhecerás a ti mesmo.
- V** Buscarás sempre a melhoria material e espiritual;
- VI** Não usarás o nome de Satã para fins indevidos;
- VII** Respeitarás e protegerás as crianças e os animais;
- VIII** Viverás cada segundo como se fosse o último;
- IX** Andarás a teu modo, mas respeitarás o caminho de outrem;
- X** Darás o teu melhor em tudo o que fizeres.

CRENÇAS DESENHADAS

DA ALMA À PELE

ANIELE BERNST E LUÍSA RIZZATTI





Fotos: Lúsa Rizzatti

Um corpo desses, nu, é um estudo social.

JOÃO DO RIO - OS TATUADORES

DE REPENTE, UM CAMINHÃO BATE NA LATERAL TRASEIRA DO CARRO. O carro gira doze vezes, invade a pista oposta e vira de lado. Muitos motoristas estavam vindo, em fluxo contínuo, mas, por sorte, nenhum deles atingiu o carro. O carro se choca contra a muretinha nas margens da estrada e fica com duas rodas suspensas, a quarenta metros do chão. Foi em outubro de 2015 que os irmãos Luana e Luciano quase caíram da ponte estaiada próxima à Arena do Grêmio. Segundo os policiais federais, já ocorreram uns dois ou três acidentes parecidos com esse, mas os irmãos foram os únicos sobreviventes.

A dita ponte, que poderia ter se tornado uma lembrança amarga, foi o objeto escolhido pelos irmãos como forma de celebração. A tatuagem gravou na pele de Luana e Luciano Demaman a ponte que os levou da iminência da morte à vida, uma marca para nunca mais ser esquecida. Após o acidente, Luciano mudou seu modo de enxergar o mundo. Hoje ele já não tem mais pressa para nada, apenas agradece por estar vivo. E a tatuagem marcou essa etapa da sua vida como uma fase de renovação. “Desde então, ao olhar para a minha tatuagem, eu passei a ter uma oração. Aquilo ali todos os dias me faz pensar: é muito bom estar aqui, eu aprendi o real sentido da palavra gratidão. Por pior que seja a situação, eu não estou nem aí, pode cair o mundo que eu estou muito feliz”.

AS REPRESENTAÇÕES NA PELE

Estampar na pele, traçar uma estética, marcar um tempo ou até mesmo significar uma crença. Por que nos tatuamos? O que esses riscos gravados no corpo dizem da gente? Contamos histórias com o nosso corpo? É uma forma de expressar uma fé?

Desde o começo do século XX, a vontade de se expressar através da pele já foi objeto de investigação do escritor que mapeou a cidade do Rio de Janeiro com a alma de um flâneur, o jornalista Paulo Barreto, camuflado sob o pseudônimo de João do Rio.

“Esses riscos nas peles dos homens e das mulheres dizem as suas aspirações, as suas horas de ócio e a fantasia da sua arte e a crença na eternidade dos sentimentos – são a exteriorização da alma de quem os traz”.

Em seu texto “Os tatuadores”, o cronista carioca aprofunda a ideia de que a tatuagem é uma forma de traduzir sentimentos e indicar o status social a partir de um desenho característico. Um cristo crucificado provavelmente estaria nas costas de um negro. Se você visse corações estampados na pele, ícones primitivos no peito e nos braços ou cinco franjas nas costas da mão, é possível que estivesse de cara com um turco. Ao deparar com sinais que significavam as cinco chagas nas mãos, você identificaria um preso, que se sentia protegido e empoderado diante de qualquer adversário. Nomes de amantes explicitavam paixões que eram marcadas e desmarcadas nas prostitutas e nos criminosos. De fato, um verdadeiro estudo social em um Rio de Janeiro efervescente, inquieto, que se transformava na virada para o século XX.

AS MARCAS DAS RELIGIÕES

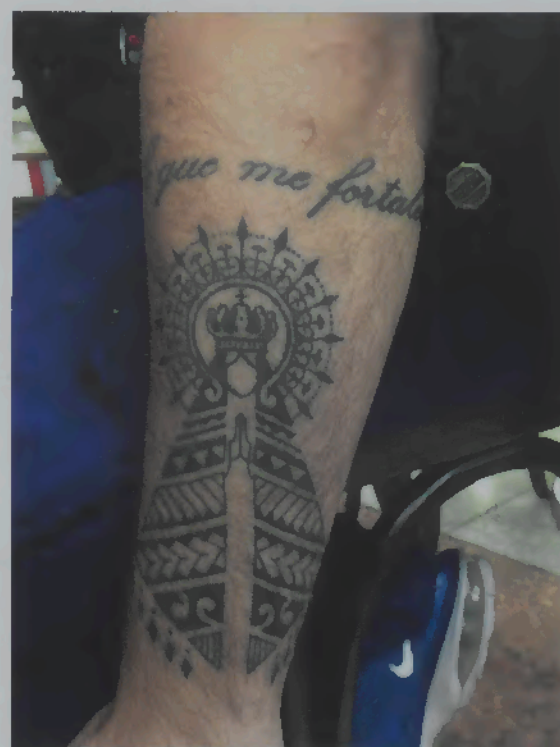
Assim como na época retratada por João do Rio, hoje ainda se usa a tatuagem como uma forma de exteriorizar a alma e até de afirmar uma crença. Algumas religiões são representadas no corpo de seus fiéis através de frases, símbolos ou reprodução de imagens sagradas. Mas não são todas as crenças que aceitam tatuagens.

Os mórmons e os judeus, por exemplo, devem deixar suas peles limpas para respeitar o sentido sagrado do corpo como um templo. Já os muçulmanos têm algumas particularidades: os sunitas veem a tatuagem como um pecado, porque estariam mudando a criação de Alá, enquanto que os xiitas não têm restrições. Diferentes desses, os hindus são encorajados a marcar suas crenças, principalmente na testa, pois se acredita que isso aumenta o bem-estar espiri-

tual. A maioria dos cristãos não vê problemas no ato de se tatuar, e, mesmo que a Igreja Católica não considere um pecado, em nenhum momento encoraja seus fiéis a se marcarem.

Pensando nas tatuagens com temática religiosa, Cristiano Greinert tatuou no braço uma santa em estilo maori, como uma lembrança da sua falecida mãe. Ele não queria um desenho comum, por isso recorreu a traçados mais estilizados, que se referem ao povo nativo da Nova Zelândia. Cristiano também carrega consigo outros símbolos religiosos: os dizeres “Tudo posso naquele que me fortalece” e um diamante com asas ao redor e com uma coroa na parte de cima. Era uma forma de homenagem, já que ele chamava sua mãe de “minha coroa”. O diamante também guarda um significado que caracteriza a sua mãe: é muito resistente e capaz de aguentar muitas pressões.

Como se fosse um amuleto, Cristiano mostra na pele a sua homenagem e tem, para si, uma forma de proteção. “São símbolos em que eu acredito. Minha mãe acreditava e eu também passei a acreditar. Se às vezes estou me sentindo mal, não muito disposto, olho para as tatuagens como uma forma de conforto. Então eu lembro da minha mãe, que passou por vários problemas, mas sempre estava disposta a seguir em frente”.



Foi entre uma tatuagem e outra que Stefani Arruda, tatuadora profissional há cinco anos, contou sobre suas experiências no ramo da arte. Na Avenida Protásio Alves, durante a tarde de um sábado, Stefani estava participando do Flash Tattoo na Calçada Colorida, um evento que mistura tatuagem e boa ação, recebendo doações daqueles que foram lá visitar. Quando conversamos sobre a relação entre fé e tatuagem, Stefani lembrou que já fez vários trabalhos religiosos. “Ah, já trabalhei com vários desenhos de fé. Fiz muitas cruzes, artes em linhas e palavras escritas, como amém e fé. São os que mais saem. E geralmente quem faz tattoos desse tipo é mais um pessoal bem religioso mesmo. Eu já fiz desenhos budistas e do candomblé, mas a religião católica é a dominante, é a que mais se marca.”

O ATO DE SE TATUAR

Ao traçar a agulha na pele, a tatuagem evidencia a sua dupla condição essencial: ao mesmo tempo em que se faz um furo, o orifício é preenchido com elementos estranhos ao corpo, que ajudam a compor uma nova pele. Tatuar-se acaba sendo, assim, uma forma de se entregar ao que é externo: a tinta, o olhar de quem vê, a mão do tatuador.

Na Rua Duque de Caxias, em uma sala espelhada, cheia de pequenos frascos de tintas, sprays, agulhas, luzes,

com vários esboços espalhados pela mesa e uma música de fundo, Rafael Giovanoli estava trabalhando em mais um desenho que logo sairia do papel e se tornaria vivo na pele de alguém. Tatuador há onze anos, com o corpo quase todo preenchido por desenhos, Rafa nos contou sobre a sensação ao se tatuar: “Quando tu te tatua, tu te sente melhor. Eu sempre senti isso e já ouvi de outras pessoas também. Dá uma sensação boa, é como se a gente tirasse um peso das costas. Não tem a ver com se sentir mais bonito, mas é como se fizesse uma terapia, sabe? Tu sai leve. Até se tu tá meio pra baixo, tu te tatua e fica bem”.

PARA ALÉM DA RELIGIÃO, A TATUAGEM COMO CRENÇA

“Da tatuagem no Rio faz-se o mais variado estudo da credence”, já diria João do Rio, em meio aos desdobramentos das histórias que ouviu ao longo de suas andanças. Não apenas restrito ao sentido religioso, a tatuagem é capaz de encarnar outros significados. Pode ser uma forma de linguagem que

aponta para uma subjetividade, capaz de traçar identidades e fazer um registro simbólico. Assim, uma fé marcada na pele pode ultrapassar uma religião e abarcar momentos marcantes, sentimentos importantes, paixões, ideologias construídas ou qualquer tipo de desejo que consiga transcender o poder de uma simbologia.

Esse é o caso das tatuagens de Daniela Nicknich. Todas têm significado e marcam momentos importantes da sua vida, viagens, lugares, além de mostrarem as ideologias em que acredita. Estudante de veterinária da UFRGS e vegetariana há quatro anos e meio, Daniela expressa, através de suas tatuagens, o seu ativismo pela causa animal. As suas duas últimas justamente representam a sua crença na prática do vegetarianismo, já que essa é uma decisão que nunca vai mudar: “Tem duas coisas que eu sei certo: que eu vou morrer e que eu vou morrer vegetariana”.

No ano passado, ela decidiu tatuar uma vaca na panturrilha com os dizeres *To Cause No Suffering*, representando o amor que sente por todos os animais, já que considera uma grande hipocrisia fazer distinção dos níveis de sofrimento entre as espécies. Para eternizar esses traços, não pôde confiar nas mãos de um tatuador desconhecido. Por isso, procurou o Rafael Giovanoli, que é vegetariano há oito anos e vegano há quase um. Pelo fato de compartilharem do mesmo sentimento, foi mais fácil criarem essa conexão e desenvolverem juntos a ideia do desenho.

De quase todas as tatuagens que Rafa tem no corpo, a maioria representa uma questão mais vinculada à estética. Uma das poucas que carrega um significado é a palavra *Vegetarian*, gravada no pulso direito. E Daniela, considerando essa identificação com a causa e com o tatuador, marcou com ele a mesma palavra na barriga.

Stefani Arruda é tatuadora profissional há cinco anos e faz, principalmente, tatuagens em aquarela.



Foto: Aniele Bernst



A escolha desse lugar não foi à toa. Inclusive, para Dani, era importante que fizesse a tattoo em uma região que fosse mais suscetível à dor, como forma de marcar, ainda mais fortemente, a lembrança desse momento. “Eu curto essa questão do sofrer para marcar na pele. Principalmente quando eu fiz essa do vegetarianismo, eu queria fazer ali porque eu sabia que ia doer muito e eu queria realmente que essa doesse muito para eu lembrar. O sofrimento dos animais é bem maior, nem se compara ao que eu sofri em três horas”.

A ESTÉTICA DO CORPO

A pele como uma tela. Não são apenas os significados que as pessoas desejam tatuar em seu corpo. É bastante comum a procura por tatuagens como uma forma puramente artística. A arte pela arte, a tatuagem pela estética.

Rafael Giovanoli é bastante reconhecido pelo seu estilo singular, com trabalhos em black and grey de temáticas diversas, principalmente dese-

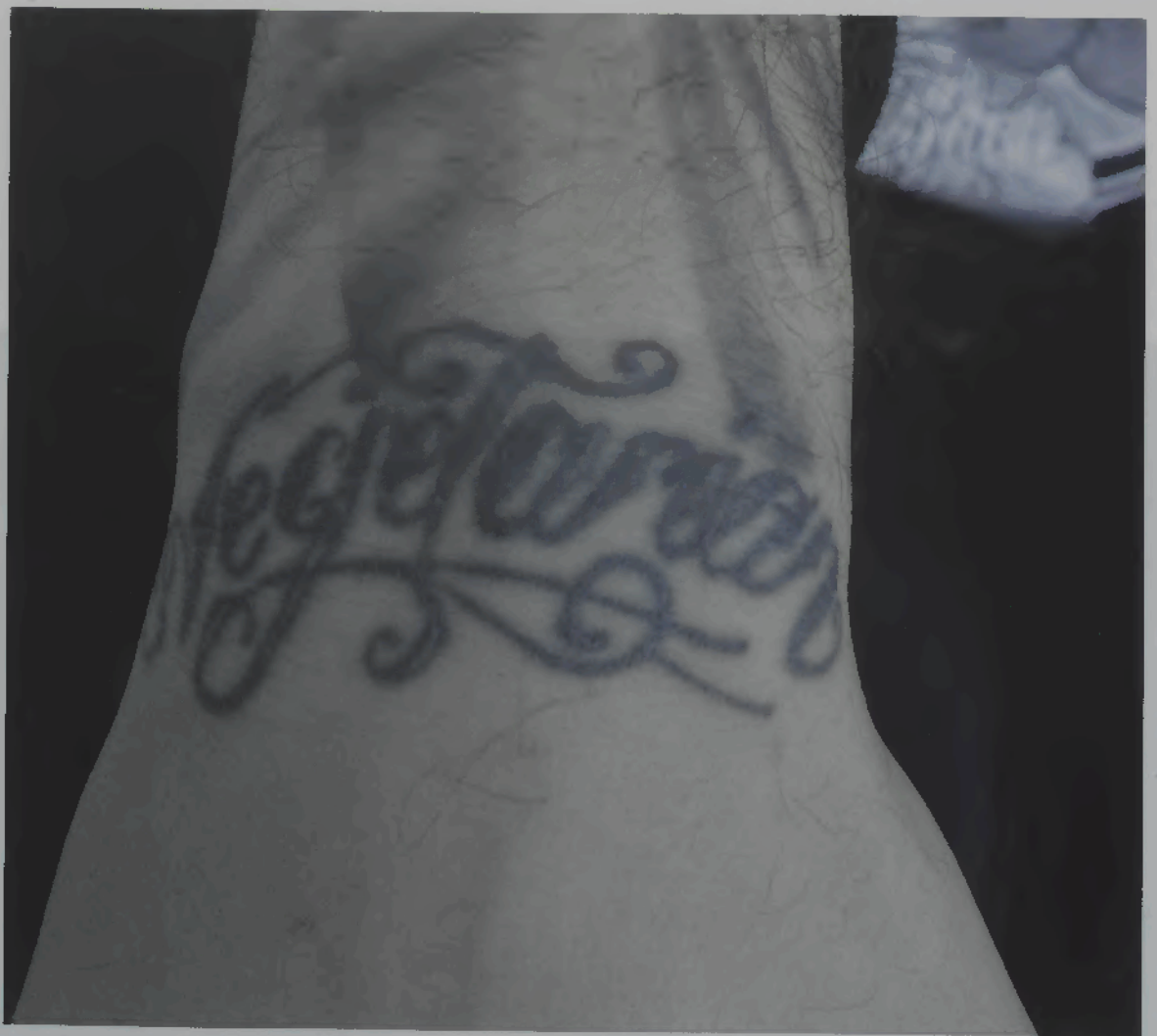
nhos medievais e from hell. Para ele, é muito comum fazer trabalhos que busquem essa questão estética, valorizando a arte, o corpo e o que há de bonito para ser mostrado. Nesse sentido, o cliente deve sair feliz do estúdio, contente com a sua nova mudança.

“Bah, Bruna, acho que esse desenho vai combinar contigo. Pilha tatuar?” Foi assim que Rafa convidou Bruna Hackmann para fazer uma tatuagem que cobrisse totalmente suas costas. Ele estava viajando, fez o desenho e achou que combinaria com ela. Rapidamente a garota topou, achou bonito logo de cara. E através de uma arte que valoriza a estética do desenho, Rafa e Bruna ganharam, nesse ano, um prêmio na categoria Melhor Costa, no 6º Tattoo Show RS.

De alguma forma, a tattoo premiada falava tanto da Bruna quanto do Rafael. Algo fez com que ela se identificasse com o desenho, da mesma maneira que ele colocou um

pouco da sua personalidade naquela arte. Para o tatuador, é como se fosse uma espécie de troca: “Mesmo estética, a tattoo tem bastante da pessoa. E de mim também. Eu acho legal isso, tem uma identidade”. Nessa mesma perspectiva, Stefani Arruda reforça a ideia: “Eu acredito que nunca é só estético. A pessoa pode achar lindo, mas ela vai querer achar um link, as pessoas querem se conectar”.

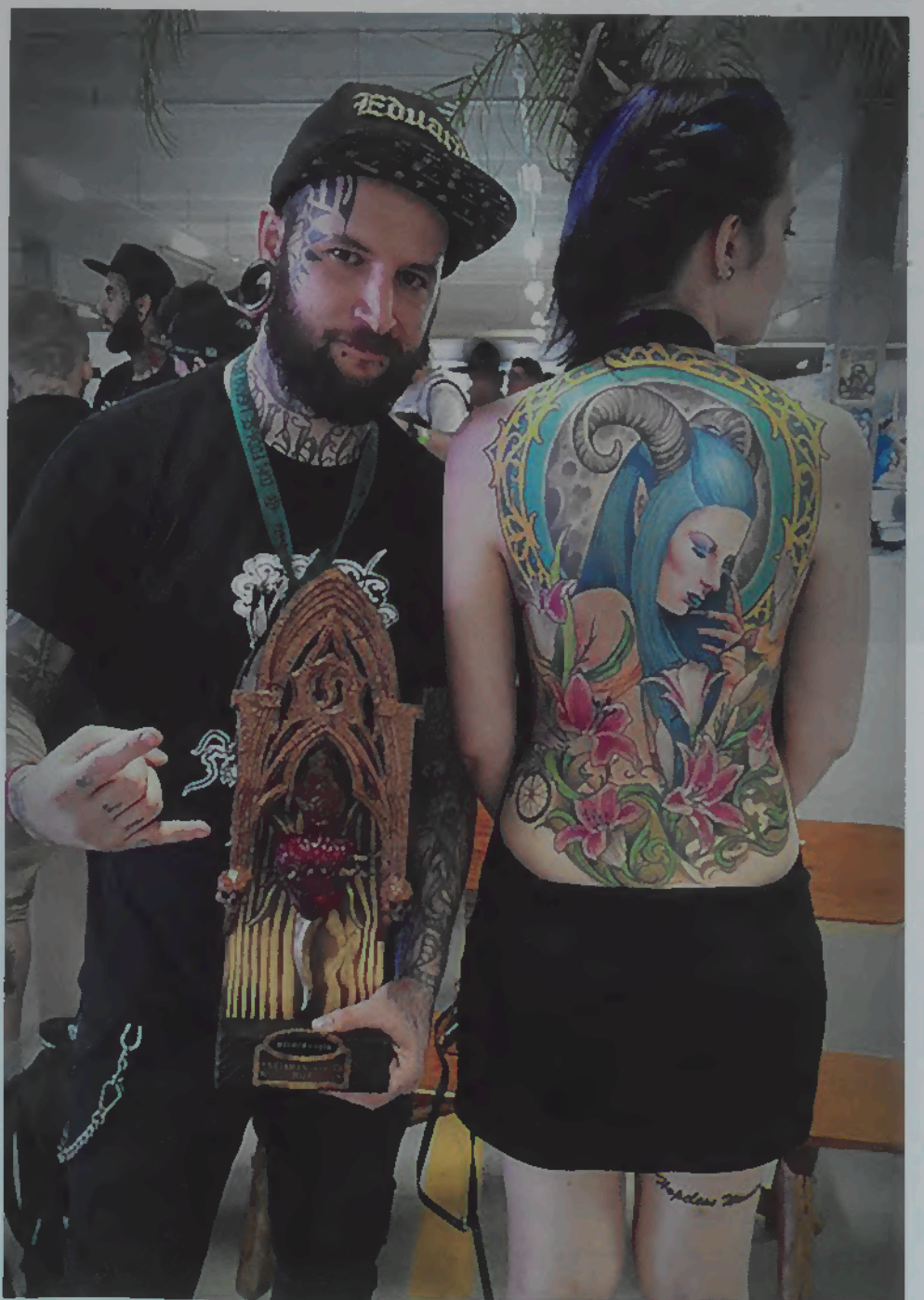
É nesse contato que se cria um laço com o cliente. Por ser uma marca que vai ficar para sempre, a pessoa provavelmente vai lembrar que aquele tatuador existiu na vida dela. No caso de Stefani, que faz principalmente tatuagens em aquarela, é essencial a conversa com o cliente, a troca de referências e o conflito entre esses dois mundos para que ambos saiam felizes: “Tem que ser aquela coisa de a pessoa olhar e se apaixonar, porque, né, dura mais que um casamento. É importante tu estar apaixonado pelo desenho”.



DA PONTE À PELE

Uma ponte estabelece comunicação, liga pontos homólogos, conecta pessoas, estreita caminhos, facilita a passagem de um lugar a outro. A ponte estaiada, aquela pertinho da Arena, significa isso tudo, mas vai um pouco além. Os irmãos Luana e Luciano construíram o próprio significado para sua ponte: os dois pilares como metáfora de seus pais e os pássaros voando como metáfora de si mesmos. É a marca de uma etapa que nunca será esquecida. Inclusive, para Luana, será lembrada como uma crença em uma nova possibilidade de vida.

A tatuagem como base de energia para a vida, como uma transmutação, como uma celebração, uma religião, uma ideologia ou uma estética. Com ou sem significados. Não importa. O inegável é que as tatuagens são a exteriorização da alma de quem as traz. **3X4**



Rafael e Bruna ganharam um prêmio no 6° Tattoo Show RS, na categoria Melhor Costa.

Foto: Lufsa Rizzatti



Os irmãos Luana e Luciano criaram o próprio significado para a tatuagem: os dois pilares da ponte como metáfora de seus pais e os pássaros voando como metáfora de si mesmos.

A FÉ EM DIAS MELHORES

ISADORA DUARTE

O QUE LEVA UMA PESSOA DEIXAR SUA CASA, seu país para ajudar o próximo? O que leva uma pessoa permanecer 10 mil quilômetros distantes de sua família? Para a Irmã Luiza Fagundes foi a vontade de ajudar o próximo. Radicada há 17 anos na comunidade de Chalaua na cidade de Nampula em Moçambique, a irmã missionária acredita na fé como um instrumento para além de questões religiosas e com potencial transformador de condições econômicas, políticas e sociais.

Natural do distrito de Santa Lucia do Piaí, no interior de Caxias do Sul, ir para a África não foi escolha pessoal, ela foi designada pela sua congregação Imaculado Coração de Maria para a missão no continente. “Estar lá é a minha missão de vida. Não consigo me imaginar longe de lá e desse trabalho social que cumpro”, relata a irmã friorenta com as baixas temperaturas da Serra Gaúcha, em visita que fez à família e amigos neste ano, ocasião em que concedera esta entrevista.

Além de estar adaptada ao calor africano, Irmã Luiza já está integrada ao seu povo e sua cultura. A religiosa de semblante tranquilo e energia contagiante dedica-se a ajudar a comunidade no que mais precisam de infraestrutura, saúde ou educação. “É um país muito pobre, que ainda não tem condições de caminhar com seus próprios pés, pois não existe indústria e a agricultura é muito precária. Uma realidade de pobreza extrema”, conta Luiza. Poços artesanais, casas para as famílias, medicamentos, material escolar, leitos em hospitais, ajuda na lavoura, equipamentos agrícolas, entre outras demandas estruturais a irmã providencia ou encaminha as pessoas para os locais que serão atendidas suas demandas. Desde questões conjugais a problemas de doença, as irmãs são acionadas para ajudá-los. “Qualquer problema que eles têm, eles procuram a casa das irmãs. Seja um casal que quer se separar, seja um doente que precisa de alimentação”, relata a irmã.

A solidariedade do povo africano é um dos aspectos que mais chamam a atenção da irmã, ela conta que eles sempre ajudam os próximos e que estão aprendendo a trabalhar em grupo e pelo grupo. Nas construções, todo o trabalho é coletivo: a irmã arrecada o material e a comunidade trabalha na obra, tanto nos centros para as reuniões de grupo como nas casas das famílias. Os materiais para as obras são todos angariados a partir de doações, algumas destas chegam do Brasil, através de pessoas que conhecem o trabalho da religiosa.

Além destas iniciativas práticas de infraestrutura, Luiza se dedica a orientações de famílias e líderes comunitários,

na tentativa de romper paradigmas e quebrar questões culturais retrocedidas. “Muita coisa mudou. Mas não são resultados que vimos do dia para a noite. Já estou há mais de uma década lá, muita coisa já mudou, mas ainda há muito para mudar”, avalia.

A maior destas frentes de orientação trata de um problema que atinge grande parte dos homens moçambicanos: o alcoolismo. Em parâmetros com os Alcoólicos Anônimos (AA) do Brasil, Irmã Luiza iniciou a formação de grupos de apoio e reabilitação para cerca de 600 famílias que convivem com dependentes de álcool. Luiza conta que a iniciativa começou através da procura de uma mulher cujo o marido bebia e a agredia fisicamente “Pedi para chamar esse homem, rezamos e conversamos muito. E esse homem me prometeu que traria mais companheiros que também sofriam do alcoolismo. Começamos o grupo assim, por acaso. Eles foram vendo os resultados dos outros e se interessando em participar”, lembra a irmã.

Hoje, são cerca de 30 grupos espalhados pela comunidade, todos regulamentados com um estatuto em comum. Cada grupo se reúne mensalmente com a irmã em encontros de orientação. Nas reuniões, Luiza transmite vídeos didáticos e aborda questões baseadas em uma apostila específica – produzida por profissionais da saúde do Brasil e adaptado à realidade africana. A maior parte do encontro é dedicado ao compartilhamento de experiências, dúvidas, anseios e dos problemas que os atingem.

Para além de resultados concretos, a irmã percebe os resultados no dia a dia, envolvendo toda uma cadeia social.

“Nesses grupos é uma mudança muito grande. Eles me dizem ‘Olha irmã, a gente era um trapo, hoje nós somos gente, porque antes, ao invés de ir para a roça, a gente ficava bebendo e até trocava os objetos da casa e alimentos por bebida’”, conta Luiza emocionada. Trabalhando há mais de 4 anos com este grupo, Luiza garante que é com eles que vê uma transformação profunda e que são eles que lhe “seguram” na África. “É uma luta que continua. Sempre buscando orientar para que não caiam na tentação de retornar ao vício e se envolvam ao máximo no trabalho para melhorarem de vida”, acrescenta.

Apesar da vida não ser nada fácil, Luiza conta que a fé e a esperança de melhorar de vida do povo moçambicano os move para lutar diariamente pela sua sobrevivência. Em 58 anos de atuação, desde que professou seu voto com o objetivo de ajudar os outros, considera que o trabalho de recuperação com os alcoólatras foi mais gratificante que já fez, após ter passado por formações ministeriais no Rio Grande do Sul, Nordeste e Paraguai. “O meu maior orgulho é ver essa gente se promovendo, saindo dessa situação de péssimas condições. É muita alegria em ver eles mudando de vida”, salienta com o rosto estampado por um sorriso e os olhos brilhando.

No final dos 45 dias em que esteve no Brasil, contou que estar com a família revigorou suas forças e energias para voltar para o povo que tanto precisa da sua ajuda. É as mazelas dessa sua gente que faz Luiza com seus 77 anos voltar “Sei que lá posso ajudar e ainda tenho muito a fazer por aquele povo”, conclui. **3X4**



Irmã Luiza Fagundes dedica sua vida em prol do povo moçambicano.



FOTORREPORTAGEM

PROCISSÃO MANIFESTAÇÃO

ALESSANDRA WERLANG





**EXISTIR E RESISTIR
SOBREVIVER, VIVER COM FÉ
NA MUDANÇA
ESPERANÇA**





As fotos foram realizadas na manifestação contra o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, no dia 30 de março, e na procissão de Corpus Christi, no dia 26 de maio.

OCUPAR E RESISTIR

CALEU NUNES

IMAGINE QUATRO PAREDES COM DEZENAS DE PESSOAS DENTRO. Todas elas estão neste local por motivos parecidos. Nenhuma delas escolheu estar ali. Seus perfis coincidem. É proibido sair. O lugar tem regras. Quem desobedece é punido. Aqueles que não seguem as normas acabam permanecendo por mais tempo.

O comandante elogia o indivíduo mais quieto. O problema é o “fulaninho”: ele fala demais. Daqui a pouco estará influenciando os outros. A palavra do dia é disciplina. Fulaninho precisa ser corrigido.

A fábrica produz vários objetos. O processo é o mesmo, a matéria prima diverge. A produção aumenta quando as máquinas estão ajustadas. Há um controle mínimo de qualidade a cada etapa da esteira. Uma engrenagem que não funciona bem prejudica toda a montagem. Aquele produto apresentou defeito? Então, deve ser consertado!

Prisões, quartéis e fábricas têm rígidas regras de funcionamento. As pessoas são vigiadas e, normalmente, punidas por quaisquer atos que fujam à normalidade. De acordo com o teórico francês Michel Foucault, a relação de poder entre alunos e professores, muitas vezes, acaba sendo construída tendo como base os métodos utilizados nessas instituições.

Para o educador Paulo Freire, a educação deveria servir de instrumento para a libertação intelectual e crítica dos cidadãos. No Brasil, o que tem sido visto na prática é um ensino cada vez mais alienante, que serve apenas para formar mão de obra barata e obediente.

Porém, a obsolescência do modelo pedagógico tradicional é somente um dos problemas da educação pública no Rio Grande do Sul. Com o agravamento da crise financeira após a posse do governador José Ivo Sartori (PMDB), em 2015, além de aulas pouco atraentes, os alunos da rede estadual estão tendo que enfrentar outros tipos de dificuldades.

Faltam professores nas salas de aula e, há mais de um ano, o governo vem parcelando o salário do magistério. Em maio do ano passado, a remuneração básica de um educador em início de carreira era R\$ 1,2 mil, para uma jornada semanal de 40 horas. O valor não chega a dois terços do piso nacional dos professores, que estava fixado em R\$ 1,9 mil na época. É o menor salário do Brasil.

Prédios e salas de aula estão “caindo aos pedaços” e alguns colégios chegam a ficar um semestre inteiro sem receber a verba básica mensal que serve, entre outras coisas, para a compra da merenda e dos materiais de limpeza.

Para protestar contra o sucateamento do ensino público estadual, no mês de maio, milhares de estudantes gaúchos resolveram ocupar as suas escolas. Em menos de duas semanas, o movimento que começou em Porto Alegre já havia se espalhado por diversas regiões do Rio Grande do Sul e envolvia, pelo menos, outras 30 cidades.

RESISTÊNCIA NAS ESCOLAS

Passava das 22h do dia 11 de maio quando um grupo de aproximadamente 25 adolescentes aproveitou a saída dos estudantes do turno da noite para ocupar a escola Agrônomo Pedro Pereira. Eles carregavam barracas, edredons e faixas atacando dois projetos de lei em tramitação na Assembleia Legislativa.

Na manhã seguinte, os demais alunos ficaram sabendo da novidade pelo cartaz de mais de dois metros de largura fixado no muro da escola: “Pedro Pereira Ocupado!”.

O colégio, situado na periferia de Porto Alegre, não foi o primeiro a aderir ao movimento iniciado há dois meses, em São Paulo. Poucas horas antes, a escola Emílio Massot, localizada em bairro de classe média próximo ao centro da cidade, também já havia sido ocupada pelos alunos.

Conforme o presidente do grêmio estudantil do Massot, Marcos Mano, que tem 18 anos e cursa o 3º ano do ensino médio, o que motivou os alunos a tomarem a dianteira do movimento foi o completo descaso do poder público estadual.

— Faz quatro meses que nós não recebemos as verbas mensais da Secretaria da Educação. O último repasse foi referente a janeiro. Na semana do carnaval, a escola foi atingida por um forte vendaval que derrubou árvores no pátio e destelhou algumas salas. Até agora o

Entrada da escola Agrônomo Pedro Pereira na primeira manhã de ocupação no dia 12 de maio.



Foto: Caleu Nunes

Com o apoio da UBES e da União Nacional dos Estudantes (UNE), alguns secundaristas, entre eles Antônio, que já havia voltado para a capital gaúcha, combinaram o início das ocupações para o dia 5 de maio. Porém, conflitos de interesses entre as entidades e alguns grêmios estudantis, no que diz respeito às exigências do movimento, acabaram adiando a mobilização por uma semana.

Tanto a UBES quanto a UNE julgavam indispensável que todas as instituições de ensino se posicionassem firmemente contra os projetos de lei 190/2015 e 44/2016. O grêmio estudantil do Padre Réus, localizado na zona sul da capital, abdicou das pautas estaduais e preferiu debater apenas os problemas internos.

O impasse fez com que outros colégios passassem a se organizar de forma independente e, por fim, quem acabou tomando a dianteira foi uma escola que até então vinha observando as tratativas de longe, o Emílio Massot.

DESCASO DOS PAIS, INTIMIDAÇÃO DA POLÍCIA

Em nenhum dos colégios ocupados foi estabelecido um limite de permanência. Ao contrário, os estudantes garantem que irão continuar mobilizados até que o Governo do Estado atenda a todas as suas exigências.

Para que o movimento mantenha a força inicial, algumas regras tiveram que ser estabelecidas. Na escola Paula Soares, localizada no Centro Histórico, os alunos são organizados em comissões de segurança, limpeza, cozinha, comunicação e organização de atividades recreativas.

Os portões são mantidos fechados 24 horas por dia e, para entrar no prédio, os visitantes precisam fornecer um documento com foto. Além de garantir a segurança interna, a medida é apontada pela aluna do 3º ano Luiza Ninov

como uma forma de evitar a infiltração dos P2, supostos policiais à paisana que costumam se intrometer em movimentos sociais para criar tumultos que acabam servindo de justificativa para ações repressivas da própria polícia.

A preocupação dos alunos do Paula Soares com a truculência policial surgiu já nas primeiras horas de ocupação. A paralisação teve início na manhã de segunda-feira (16/5) e a maioria dos pais que chegaram para deixar seus filhos na escola, no dia, não sabiam do ocorrido. A falta de informação, segundo os estudantes, foi devida à fraca divulgação do ato naquele primeiro momento.

Ainda no início da manhã foi realizada uma pequena reunião na qual os alunos responsáveis pelo ato explicaram o que estava acontecendo. No entanto, um dos pais, contrário à atividade, acabou ligando para o 190. Cerca de dez minutos depois, chegou ao local um camburão da Brigada Militar com três policiais armados com submetralhadoras.

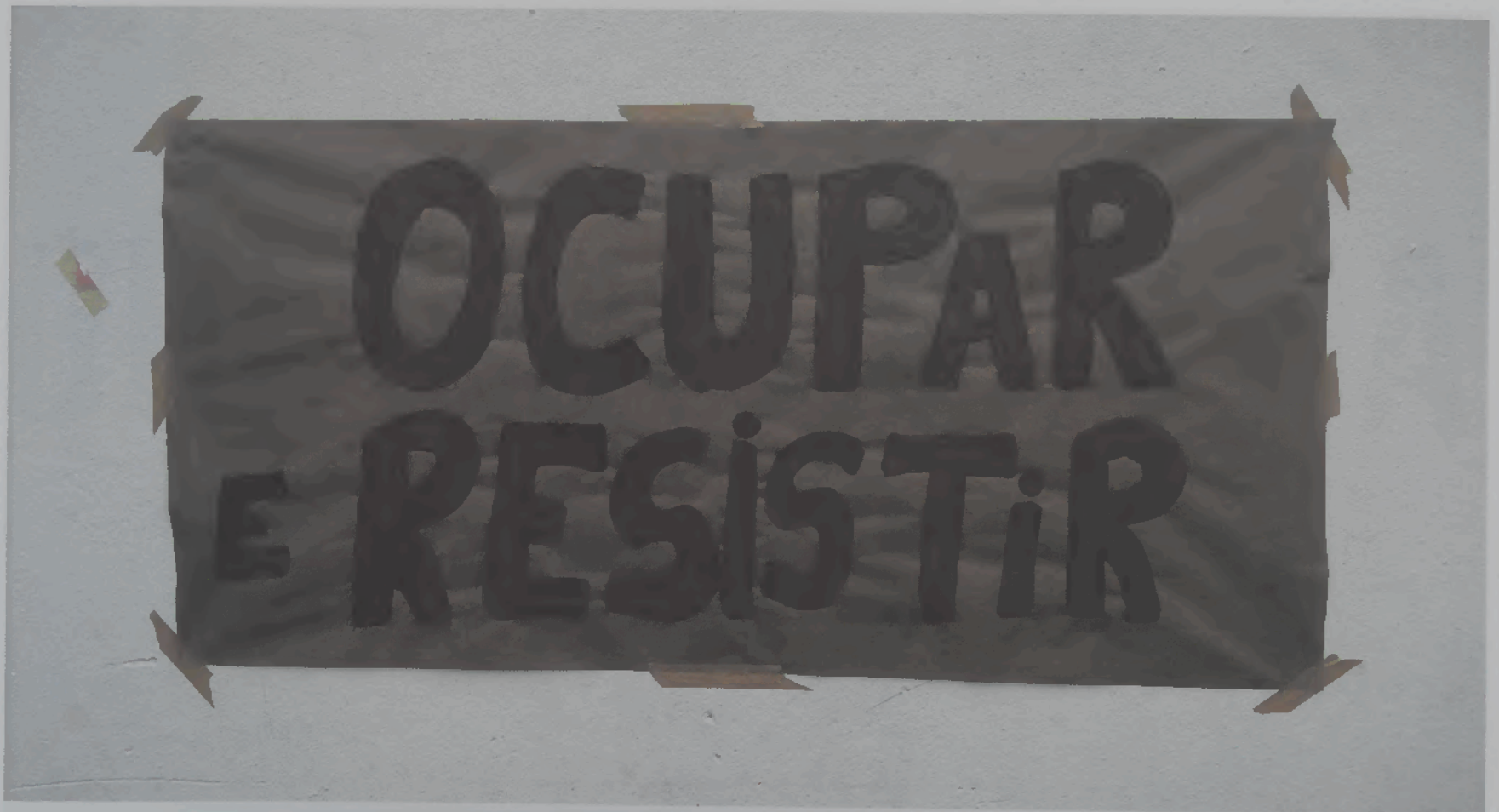
Eles diziam ter orientação para desocupar a escola porque, conforme a denúncia recebida, alguns alunos estavam sendo proibidos de ter aula.

Luiza afirmou que os estudantes explicaram aos policiais que nenhum aluno estava sendo impedido de entrar na escola. “Nós entendemos que muitos pais não têm onde deixar os filhos para poderem ir trabalhar e o nosso objetivo não é prejudicá-los, tanto é que a escola foi aberta para que os alunos pequenos, do ensino fundamental, fizessem atividades internas”, explicou.

O único questionamento da adolescente de 17 anos é sobre a necessidade de a Brigada Militar utilizar todo aquele aparato de armas pesadas para tratar com um bando de adolescentes que não está cometendo nenhum tipo de crime. Ela afirmou que o ocorrido não passou de uma tentativa de intimidação.

Guarnição enviada à escola Emílio Massot após denúncia de um pai.





Cartaz colado no muro da escola Pedro Pereira, segunda a ser ocupada no estado.

A jovem apontou ainda que o descaso da sociedade com a qualidade da educação também é um grande desafio a ser superado. De acordo com Luiza, muitos pais veem a escola apenas como um “depósito de crianças”. “Eles deixam os seus filhos em um ambiente que supõem ser seguro, pelo fato de ser fechado, e acabam não percebendo a situação do colégio”, alegou.

“O Paula Soares está há pelo menos 20 anos sem receber uma reforma. Os assoalhos do 2º e do 3º andar estão literalmente caindo. Dos alunos que concluem o ensino médio aqui, os únicos que conseguem ingressar em universidades públicas são aqueles que têm condições de pagar cursinhos pré-vestibulares, porque o nível do nosso ensino está muito abaixo ao das escolas particulares. Apesar de tudo isso, a grande revolta dos pais ocorreu no dia em que ocupamos a escola para reivindicar melhorias, unicamente porque, em um primeiro momento, acharam que não teriam onde deixar seus filhos”, desabafou Luiza.

TODOS PELA MUDANÇA

Se há um grande consenso entre todos os estudantes entrevistados para esta reportagem, é sobre a necessidade de uma revolução no modelo de educação utilizado nas escolas públicas gaúchas. Eles queixam-se de que os métodos tradicionais estão ultrapassados, pois não permitem uma real participação dos alunos.

Os jovens apontam que os conteúdos abordados em sala de aula pouco contribuem para a sua formação enquanto cidadãos. Por este motivo, durante a mobilização, a proposta dos estudantes está sendo de desconstruir conceitos considerados ultrapassados e experimentar novos, onde eles tenham mais protagonismo.

Com o apoio de estudantes universitários e militantes de movimentos sociais, as escolas ocupadas têm organizado oficinas e debates com temáticas negligenciadas pelo currículo escolar obrigatório, como discussão de gênero e sexualidade, democratização da mídia, feminismo, além de aulas sobre as

matérias abordadas pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), mas organizadas em formatos diferentes.

A maioria dos estudantes envolvidos nas mobilizações está prestes a terminar o ensino médio. Mesmo que o governo do estado atenda a todas as suas reivindicações, não serão eles que irão usufruir das melhorias. Ainda assim, os jovens garantem que estão dispostos a fazer o que for possível para melhorar a qualidade do ensino.

Não se sabe ao certo se toda esta luta irá gerar frutos positivos. Até a data da finalização desta reportagem, o Governo do Estado não apresentou nenhuma proposta considerada satisfatória pelos estudantes. **3X4**

A FÉ: O CAMINHO PARA A CURA

CAROLINA CATTANEO

Uma doença, qualquer enfermidade, surge primeiro na mente e depois se dirige para o corpo

OSHO, LÍDER RELIGIOSO

ERA UMA SEXTA-FEIRA, Maria do Carmo estava sentada na recepção, com o exame ainda fechado em mãos, esperando para ser atendida pelo médico. A cabeça não estava ali. Ela só conseguia pensar na mãe doente que estava internada no hospital e no filho, que não conseguia comer há dias. Toca o telefone. Seu marido fala que o menino vai ser internado também, a fim de que se descubra o motivo do garoto de 10 anos estar emagrecendo tanto. Ele não come. Maria do Carmo entra na sala do médico, senta-se e olha para ele. De maneira ríspida, o especialista analisa o diagnóstico e fala sem pestanejar:

- A senhora está com um câncer de mama galopante e tem apenas 2% de chance de sobreviver.

A mulher, de 50 anos, não acreditou que tudo aquilo pudesse estar acontecendo nem entendeu como um médico poderia falar aquilo, daquele jeito. Carmem, como ela é conhecida, foi até o hospital cuidar do filho. Durante 15 dias, "esqueceu" que tinha a doença. Até que sua irmã marcou uma consulta com outro médico em Porto Alegre.



Mulheres do grupo de apoio Mãos Dadas em um de seus encontros no estado.

Foi nesse momento que procurou respostas em si mesma. Pensando em seu filho, decidiu que não iria morrer. Iria se curar da doença para poder cuidar do menino. A perspectiva de fé não mudou em sua vida, apenas foi colocada à prova.

– Quando uma coisa dessas acontece em nossa vida, a gente precisa da pessoa certa para nos ajudar a recuperar a esperança. Pode ser um vizinho, o marido, um amigo, um parente, enfim, alguém que nos dê a luz que precisamos naquele momento – relata Carmem.

O médico foi fundamental na vida dela. Ignorando o diagnóstico anterior, ele analisou o exame e falou que, mesmo com câncer, ela tinha chance e iria sobreviver. Na verdade, o médico ainda fez mais. Encaminhou o filho de Carmem para ser tratado gratuitamente por um dos melhores especialistas da Capital.

Sentindo-se mais forte com a melhora do filho e os problemas se resolvendo, Maria do Carmo se agarrou aos 2% de chance de cura e lutou pela vida. Fez sessões de radioterapia e quimioterapia, cirurgias e, hoje, dez anos depois, está curada.

Um dia, lendo o jornal de sua cidade, Novo Hamburgo, ela viu em letras pequenas um convite para um encontro de mulheres com câncer de mama. Sem pensar muito, resolveu comparecer ao local, porque queria compartilhar com as outras mulheres o aprendizado que estava tendo com a doença.

Havia 15 pessoas naquele espaço improvisado, cedido pela prefeitura. As responsáveis pelo encontro eram a assistente social Flávia Trvisan e a psicóloga Marlise Bernd, que trabalhavam na área da saúde da cidade. Todos os dias, ambas viam mulheres saírem com o diagnóstico de câncer de mama e se sentirem sem esperança. Carmem sabia

que aquele podia ter sido o seu destino se tivesse escutado apenas aquele primeiro médico, que tentou abalar a sua fé. E que não conseguiu.

Era uma sexta-feira, dia 30 de junho de 2006. Esse foi o primeiro encontro do grupo que passou a se chamar *Mãos Dadas*. Porque de mãos dadas elas iam mais longe, elas se enchiam de esperança, elas se curavam.

Dez anos depois, esse grupo ainda existe no município. Hoje, não são apenas 15 mulheres, são quase 60. Cada segunda-feira à tarde, em seu encontro semanal, chegam mais pacientes descreditadas, que saem de lá se sentindo valorizadas, esperançosas.

Para muitas mulheres, a concepção de fé não teve grandes mudanças depois que descobriram a doença, apenas cresceu. Mas, para Sherlei Nadete Pereira, 68 anos, não foi assim. Ela sempre foi uma pessoa religiosa. Quando

descobriu o diagnóstico de câncer, ficou revoltada. Não acreditava mais em um Deus que pudesse ter feito isso com ela. Sem a fé, Nadete não queria realizar o tratamento. Não queria que ninguém soubesse da doença. Seu plano era ir para longe e morrer sozinha.

Viúva, com o filho já crescido, ela se sentia desamparada. Sua falta de fé na cura da doença se dava pela experiência que vivenciou no passado. Anos atrás, sua mãe morrera de câncer de mama. Pensando nisso, Sherlei já havia se conformado que seu destino seria o mesmo.

Mas, não foi. Um dia, precisando desabafar, contou para sua vizinha o estado de sua saúde. Foi então que a vizinha entrou em contato com o irmão de Sherlei. Ao saber da história, ele procurou imediatamente a irmã e a obrigou a fazer o tratamento.

Além disso, o irmão de Nadete decidiu leva-la ao grupo *Mãos Dadas*. Ela ficava parada na porta, olhando aquelas mulheres rindo e as odiava. “*Como elas podiam ser felizes estando com câncer?*”, pensava. Aos poucos, acompanhada pela cunhada, Nadete começou a frequentar cada vez mais o grupo. Até que chegou o dia em que frequentar o grupo não era mais uma obrigação. Ter contato com outras pessoas que estavam passando pelas mesmas questões que ela a fazia se sentir mais forte. Sherlei Nadete fez o tratamento, curou-se e ainda hoje frequenta o grupo.

– *Eu tinha certeza que eu iria morrer. Eu não havia contado nem para o meu filho que eu estava doente. Ele morava em Santa Catarina. Um dia antes de fazer a cirurgia, liguei para ele e falei “tu precisa vir agora. Se não, nem precisa mais, porque não estarei mais aqui”.* – conta Shirlei rindo.

Assustado, o filho de Nadete pegou o primeiro ônibus e foi visitar a mãe. A cirurgia correu muito bem. Naquele grupo, que se unia toda semana para rir e para contar experiências fossem da doença ou não, ela encontrou a fé que lhe faltava. Naquele núcleo, se formaram amizades verdadeiras.

– *Quando me perguntam o que mais perdi com a doença, sem dúvida, foram as amizades. As pessoas possuem um preconceito com o câncer, acham que é uma doença contagiosa. Com o tempo, eu notava que velhas amigas minhas atravessavam a rua quando me viam. Alguns parentes distantes e conhecidas não me ligavam, nem me visitavam mais. Tinham medo de mim* - afirma Carmem.

Todo tipo de câncer é uma doença que abala o indivíduo. Porém, o câncer de mama, em especial, mexe ainda

Atualmente, Maria do Carmo é coordenadora do grupo *Mãos Dadas*.





Hoje, mesmo curada do câncer, Shirley não deixa de frequentar o grupo.

mais com o psicológico não só da mulher, mas de todos que estão em volta dela. Por se tratar de algo tão particular do sexo feminino, a autoestima acaba sendo afetada. Muitas mulheres que frequentaram e frequentam ainda hoje o *Mãos Dadas* reclamam que às vezes a família não sabe dar o devido apoio. Os filhos evitam falar da doença, acham que se não mencionarem a palavra “câncer”, ele vai acabar indo embora. E Carmem explica por que isso acontece:

– *A mulher é quem conduz a família, é o pilar que a sustenta. É difícil para o companheiro e os filhos admitirem que o “nosso pilar” está doente.*

Assim, o grupo se tornou importante. Os encontros simbolizam um espaço onde as mulheres podem conversar sobre qualquer coisa, podem voltar a sorrir. Falam com pessoas que não possuem medo de dialogar sobre a doença e que trazem uma visão otimista, independentemente do que acreditam: cristianismo, budismo, evangelho, Igreja Universal, seja qual for a religião, todas possuem um mesmo propósito, ter fé na cura.

Todas as pessoas passam por momentos complicados no decorrer da vida. Nara Bradina da Silva foi diagnosticada com câncer de mama e precisou operar. No dia em que recebeu alta do hospital, seu marido teve um infarto. E foi a vez dele ser internado. Nara sempre frequentou a igreja, mas, quando descobriu a doença, não recebeu apoio de ninguém. Não recebeu nenhuma palavra confortável do padre e nem das pessoas que iam todo final de semana rezar.

Contudo, a fé vai muito além da religião. Há pessoas que recebem o câncer como uma sentença de morte. Mas não é. Muito pelo contrário, pode ser um novo caminho para recomeçar, para aprender algo, conhecer pessoas diferentes. As mulheres que frequentam o grupo *Mãos Dadas* se sentem como se estivessem em frente a um espelho. Ali, todas são iguais. Ninguém trata a doença como algo triste e deprimente.

– *Quando se recebe o diagnóstico da doença, a primeira pergunta que fazemos é “por que eu? Por que comigo, meu Deus?”,* relata Sherlei.

Mas a fé é um aspecto particular. Algo pessoal que todos têm dentro de si. E que só precisa da oportunidade certa para se manifestar.

O câncer é uma doença moderna: ela aumentou ainda mais com o estresse, a tensão e a ansiedade da vida. Sendo assim, é o pensamento positivo, a crença, seja ela qual for, que pode ajudar no caminho da cura.

– *Eu sempre dizia que se algum dia eu tivesse câncer, eu preferia morrer. Mas o grupo Mãos Dadas me ajudou a entender que tem mais gente passando pela mesma situação que eu. Conheci pessoas maravilhosas, que me deram força e hoje estou aqui, viva!* – conta, emocionada, Jureci Fiuza da Costa, 45, integrante do grupo *Mãos Dadas*. **3x4**

GOLEIRO DE FÉ

ANDREAS WEBER E RODRIGO FRONZA

SER JOGADOR PROFISSIONAL DE FUTEBOL não é tarefa fácil. O caminho a ser percorrido por quem sonha atuar em grandes clubes é longo e cheio de obstáculos. A concorrência é enorme. Em meio a tantos jovens que imaginam um dia jogar em estádios para milhares de pessoas, apenas alguns de fato alcançam esse objetivo.

É necessária muita força de vontade e persistência para se chegar à profissionalização. Em alguns casos, os atletas contam com o apoio da família. Em outros, os pais acabam por ver com desconfiança a pretensão de seus filhos de se tornarem jogadores de futebol. Dessa forma, tentam demover os filhos da ideia e incentivá-los a seguir com os estudos ou buscar outra profissão.

Sem ter o apoio da família, onde buscar força para tentar seguir o sonho de disputar uma Libertadores, um Campeonato Brasileiro e até mesmo uma Copa do Mundo? Onde buscar força para um dia ser ovacionado por uma legião de torcedores de um grande clube? Para muitos jogadores, a resposta a essas questões é simples: na fé.



Foto: Alexandre Lops/Internacional

MEORUNIDADE

ESPIRITISMO

A FILANTROPIA ANTES DA DOUTRINA

Cria das categorias de base do Inter, Muriel encara a fé como primordial em sua vida.



A crença em uma religião pode ser a grande motivadora e servir de combustível para batalhar por um espaço em meio à concorrência natural do esporte. Aliada ao trabalho forte, à dedicação nos treinamentos e ao aprimoramento dos fundamentos, pode abrir as portas para uma carreira vitoriosa.

O goleiro Muriel Gustavo Becker, do Internacional, é um dos tantos jogadores de futebol que tem a fé como aliada ao longo de sua carreira. O atleta de 29 anos, nascido em Novo Hamburgo, iniciou na base do Inter em 2000, quando tinha 13 anos. Foi promovido ao profissional em 2007 e seguiu no clube de Porto Alegre até 2009, ano em que teve passagens por Caxias e Portuguesa. No ano seguinte, voltou ao Inter, time no qual permanece até hoje.

Na maior parte de sua trajetória no Inter, o canhoto de 1,90m ocupou o banco de reservas. Entre 2011 e 2012, porém, foi titular da equipe, com atuações importantes e uma média baixa de gols sofridos. Curiosamente, seu irmão Alisson Becker, de 23 anos, também é goleiro. Ele foi o dono da camisa 1 do Inter de 2014 até maio deste ano, quando se transferiu ao Roma, da Itália. Para o lugar de Alisson, o Inter contratou Danilo Fernandes, que veio do Sport e atualmente é o titular. Muriel segue na reserva.

O arqueiro conta que seu contato com a fé teve início em 2003, através de seu preparador de goleiros, Jordan. Um dos amigos com quem morava também teve grande importância para que, a partir daquele momento, Muriel mudasse sua forma de encarar a vida.

— *Na época eu tinha 16 anos e morava com alguns amigos em Porto Alegre. Um deles, chamado Nicolas, se converteu e me ensinou muito sobre Jesus. A partir disso, comecei a frequentar a igreja, cri em Jesus e tive uma mudança na maneira de pensar e viver.*

A fé de Muriel foi fundamental para que ele tivesse uma nova compreensão da vida e percebesse que o cotidiano é marcado por muitas situações difíceis, das quais desistir não é a melhor solução.

— *A minha fé em Jesus mudou a minha vida e a da minha família, me deu uma nova compreensão. Primeiramente, conheci o que Jesus fez por cada um de nós para termos a salvação. Na medida em que fui aprendendo mais sobre Deus e as pessoas que o obedeciam, pude perceber que Deus está sempre comigo e que se preocupa com todas as áreas de nossas vidas. Ele ama todos nós e mesmo que venhamos a passar por muitas situações difíceis, não podemos desistir, já que tudo contribui para o nosso crescimento e amadurecimento.*

Além de servir como forma de superação para as dificuldades ao longo de sua vida, a fé de Muriel também se faz presente antes das partidas que disputa. A música é a grande companhia do jogador momentos antes dos jogos.

— *Sempre oro antes dos jogos e escuto músicas que me motivem, principalmente da banda Hillsong e do Lecrae.*

O preconceito ainda é um mal que faz parte da realidade brasileira, seja ele de cunho social, sexual, étnico ou religio-

so. Consequentemente, a intolerância se estende também ao meio futebolístico, que reúne tantas pessoas com crenças distintas. Perguntado se ao longo da carreira já sofreu preconceito por sua crença, Muriel admite que em algumas situações sim, mas ressalta que o respeito à diversidade religiosa predomina.

O goleiro colorado atualmente auxilia o desenvolvimento de um projeto de esportes para crianças carentes. Além disso, frequenta a Igreja Batista Vidas Restauradas, localizada no bairro Partenon, em Porto Alegre. Em alguns momentos, também prega a palavra. Para o futuro, Muriel ainda não tem certeza em relação ao que vai seguir.

— *Tenho vontade de ter algum projeto social relacionado a crianças, mas ainda não tenho nada elaborado.*

Atuando em uma posição difícil, que tem a responsabilidade de evitar ao máximo os gols do adversário, Muriel foi campeão com o Inter de sete Campeonatos Gaúchos, uma Libertadores e uma Recopa Sul-Americana. Em meio à imprevisibilidade do futebol, a única certeza de Muriel é que a mesma fé presente nos títulos que conquistou continuará acompanhando-o no dia a dia e dando força para superar as adversidades e buscar novas glórias. **3X4**

ESPIRITISMO: A FILANTROPIA ANTES DA DOUTRINA

GABRIEL GRINGS

UM DOS GRANDES QUESTIONAMENTOS cerceadores do Espiritismo é se ele é, de fato, uma religião. Embora o Censo do IBGE o classifique como tal, o debate é interminável:

– É uma doutrina com um fundamento religioso que nos liga a Deus. Não temos dogma, temos um estudo da doutrina. Kardec é codificador, não inventor, disse Zelú Selene, estudiosa do Espiritismo.

Allan Kardec, um professor francês nascido em 1804, é considerado o precursor do Espiritismo. Intrigado com um fenômeno de mesas girantes, ele é responsável por determinar a intervenção dos espíritos no ambiente. Curioso sobre os mistérios da hipnose, do sonambulismo, do magnetismo e da eletricidade, ele dizia que os corpos reunidos geravam uma força eletromagnética extraordinariamente forte, capaz de movimentar objetos. Quando conheceu o fenômeno pessoalmente, percebeu que a explicação não era tão simples.

As mensagens tinham linguagem diferente da que os médiuns usavam no dia a dia e possuíam um grau de conhecimento da vida privada dos visitantes que não tinham como adivinhar. O pesquisador, então, elencou uma nova hipótese: a de que a realidade visível não é a única existente e que espíritos são tão reais quanto o mundo microscópico e as forças físicas invisíveis, como a gravidade.

Tão ou mais conhecido que Kardec como referência do Espiritismo, temos no Brasil o nome do médium Chico Xavier. Mineiro, nascido em 1910 e com data de morte em 30 de junho de 2002, ele psicografou mais de 450 livros. A veracidade de suas obras é raramente questionada. Além dele, outros mé-

diuns têm nomes conhecidos no Brasil, como o baiano Divaldo Franco, de 89 anos, e o mineiro Haroldo Dutra Dias, de 44 anos.

A mediunidade trazida por Chico e outros nomes de referência é a responsável pela grande disseminação de pensamentos espíritas no Brasil. Ao mesmo tempo em que o catolicismo tem perda de fieis brasileiros, o espiritismo vê os seus números crescerem. Os índices no país são significativos entre os 30 milhões confessos espíritas pelo mundo. Eles representam 2% da população brasileira. São 3,8 milhões declaradamente adeptos à crença, o que representa um aumento de 1,5 milhões em relação à pesquisa anterior. No Rio Grande do Sul, 501 centros espíritas são registrados pela Federação Espírita do RS.

Com essas informações, decidi passar um dia em uma casa de espiritismo de Porto Alegre. Escolhi a Sociedade Espírita Allan Kardec, localizada no Centro da Capital. Mais que ligada a aspectos religiosos, a associação é conhecida por ações sociais de diversos tipos. De cabeça aberta, me permiti a conhecê-la.

ESPIRITISMO – ANTES DE DOCTRINA OU RELIGIÃO, FILANTROPIA

Entrar num departamento religioso pode ser algo que cause receio para quem não é, de fato, fiel. Conhecer mais sobre o novo, no entanto, gera uma curiosidade insaciável.

São 15h de 10 de maio de 2016. Coloco os pés em uma das mais conhecidas casas de Espiritismo da capital do estado. A Sociedade Espírita de Porto Alegre (SEAK POA) escancara suas portas de entrada. Apresento-me. A vice-presidente, Lídia Carpenedo, com toda a educação, afirma:

– *Se tu não te importas, preciso terminar de atender os passes. Estamos oferecendo uma rifa. Não entendi por um instante, afinal não havia ninguém ali.*

Enquanto aguardava, a recepcionista, em frente a centenas de livros à venda sobre espiritismo, iniciou uma conversa comigo. Uma das primeiras ações do diálogo partiu dela, quando me questionou se eu era espírita. Diante da minha resposta negativa, ela replica:

– *É apaixonante, difícil de explicar.*

Para minha surpresa, cerca de 30 pessoas saem da mesma porta em direção ao saguão. Todas saíam da sessão de passe coletivo.

O COMEÇO DA FILANTROPIA

– *Podemos começar, exclamou Lídia.*

O oferecimento de rifas acabara. O dinheiro adquirido serve para a manutenção da Casa. Ali, afinal, nada é cobrado. Todos são voluntários.

Logo no segundo andar, um homem claramente transtornado por problemas psicológicos aguarda por uma consulta espiritual.

– *Normalmente, as pessoas conhecem a instituição desta forma. Eu estava com depressão, procurei atendimento e estou aqui há 22 anos. Tu recebes tanto que o mínimo que podemos fazer é dar a mesma condição para os outros, afirmou Lídia.*

Ao lado, uma sala fechada é o local onde sete passistas estudam o evangelho. Eles se preparam por duas horas antes de atender o público nos horários já pré-estabelecidos.

O mesmo pavimento ainda abriga uma oficina de roupas e duas salas de aula. O objetivo é a alfabetização de quem procura o Centro.

SUBSOLO – O CORAÇÃO DA CASA

– *Vou te mostrar um lugar meio sinistro, mas o que fazemos lá é espetacular, antecipou Lídia.*

Estamos no subsolo. Entramos em um auditório onde são atendidas pessoas extremamente carentes. A grande tarefa é oferecer a excluídos da sociedade o mínimo que lhes proporcione alegria. Cerca de 110 homens e mulheres com mais de 60 anos estão

Salas de aula oferecem alfabetização a quem procura pela Casa.





Produção de enxovais para bebês é o principal foco da fábrica.

inscritos para as sessões, que ocorrem nas duas primeiras sextas-feiras do mês. Jovens com doenças terminais também não deixam de receber atenção.

A poucos metros dali, Lídia aponta para uma porta fechada. Ao abri-la, me deparo com dezenas de mulheres rodeadas por tecidos e armários cheios de roupas. Existia ali uma verdadeira fábrica. Em um departamento pequeno, todas se dividem em diversas funções até a criação de uma peça.

O foco é ajudar as mães com pouca ou nenhuma condição de criar um filho. Vários enxovais de bebês para meninos e meninas são produzidos e separados no aguardo das longas filas de gestantes todas as quintas-feiras do mês, pela manhã. Na parte da tarde do mesmo dia, é a vez das mulheres com filhos até 10 anos, ou até 18 para quem estiver trabalhando. Também são oferecidas vestimentas às mães. Um departamento repleto de calçados e roupas de adulto ilustra ainda mais o filantropismo realizado pela Casa.

Uma série de critérios, no entanto, é estabelecida para a organização não falhar. Centenas de fichas guardam cadastramentos que informam a renda familiar, número de filhos, sexo e idade das crianças.

Os senhores e senhoras que são atendidos no auditório do subsolo também recebem toda a atenção possível.

Após o fim da sessão, todos eles se direcionam a um dos cantos mais queridos da Casa.

Uma sacola com arroz, feijão, massa, farinha, café, sabão e leite em pó é doada para cada um dos inscritos.

— O importante é que eles se sintam bem. Tem gente que vem aqui no verão para ficar embaixo do ar-condicionado. A Casa está totalmente de portas abertas, comentou Lídia.

A FILANTROPIA SEPARADA DO ESPIRITISMO

A fuga do racional é tratada com certa discrição na instituição. Ela só é realmente abordada a quem procura e demonstra vontade em aprendê-la. Lídia me explica que os senhores, senhoras, jovens e mães que procuram ajuda não necessariamente seguem o que prega o Espiritismo:

— A maioria é evangélica, revela.

Um local onde a filantropia supera o tradicional fanatismo da religião é bem o que pode resumir a Sociedade Espírita Allan Kardec. **3X4**

Centenas de sacolas são preparadas para serem doadas.



A MATRIZ DE VIAMÃO

MATHEUS NIETTO

O POEMA CAPELA DE VIAMÃO, escrito pelo jornalista viamonsense Adonis dos Santos, conta um pouco sobre a história da Igreja Nossa Senhora da Conceição. Muitas pessoas, inclusive os próprios moradores da região, não sabem a importância do município, nem dessa igreja para a história do estado. Talvez, as pessoas tenham ouvido o nome da cidade porque faz divisa com Porto Alegre, ou, ainda, porque aprenderam na escola que foi um dos primeiros povoamentos urbanos do Rio Grande do Sul. No entanto, a formação da cidade antecede a de Porto Alegre e carrega 274 anos de história. Mas, dentre tantos pontos que poderiam ser destacados, um dos mais interessantes fala sobre uma capela construída no início da colonização de Viamão, que, posteriormente, seria chamada de Igreja Nossa Senhora da Conceição.

Em 1725, uma frota de 30 homens saiu de Laguna, liderada por João Magalhães, com o objetivo de conquistar as terras desabitadas entre a Colônia do Sacramento e o estado de Santa Catarina. A expedição foi importante para garantir uma passagem que facilitasse a tomada dos gados da zona sul do território, além de protegê-lo das invasões espanholas. Esse caminho colocou a região no mapa econômico da América Portuguesa, pois grandes rebanhos de gado e equinos transitavam entre a Colônia do Sacramento e São Paulo.



Fotos: Matheus Nietto

MÃO

“Capela grande de Viamão; terra dos Marcos e Crescência de Andrade; Firmino Martins e Acrísio Prates; Setembrina foi o nome de tradição. [...] Capela.... Quem bebe água do Mendanha; não pode se retirar; fica sempre em Viamão; não vai para outro lugar. [...] Freguesia de Nossa Senhora da Conceição; possui igreja da arte dos açorianos; o antigo império ruiu; abatido pelos anos.”

ADONIS DOS SANTOS

A Igreja Nossa Senhora da Conceição de Viamão foi construída em 1767 e seu projeto arquitetônico tem influências do Barroco português.



Nesse período, inicia a colonização de Viamão. As terras eram habitadas há séculos por tribos indígenas Guarani e Kaingang, no entanto, os povos açorianos, lagunenses e paulistas continuaram invadindo o espaço em busca dos vastos campos e das riquezas naturais. E, em 14 de setembro de 1741, foi inaugurada a primeira capela em homenagem à Nossa Senhora da Conceição. Desde então, a igreja assumiu um papel fundamental para o desenvolvimento da região.

A cidade de Viamão tornou-se Freguesia em 1741 e no ano de 1747, após a capela ser elevada à condição de paróquia, iniciou a venda dos primeiros lotes de terra em torno da igreja. Esse período foi marcado por muitas mudanças no país, dentre elas, a capitania de São Paulo se emancipara da capitania do Rio de Janeiro. A população aumentou significativamente nos anos seguintes, principalmente com a chegada da Fazenda Real, que se instalou na região para controlar a cobrança de impostos. Aos poucos, a igreja se tornava o centro da vida social. A sede do governo e as reuniões da Câmara também foram transferidas para esse local. Além disso, inúmeros serviços foram prestados pela capela, como registros sacramentais, batizados, casamentos e aconselhamentos espirituais. Anos mais tarde, esses documentos ajudaram a reconstituir o perfil dos povoadores dos Campos de Viamão.

No entanto, a paróquia volta à jurisdição do Rio de Janeiro em 1750, ocasionando uma disputa econômica e política na região. Nesse momento, o padre José Carlos Silva teve um papel fundamental na economia local, atuando como um importante comerciante e estancieiro. É possível analisar, contudo, a estreita relação entre economia e religião, pois não eram tratadas como blocos distintos. A questão da religião está ligada não somente à questão de crença moral, mas também ao controle da economia e da sociedade em fase de formação e expansão.

Entre os anos 1760 e 1770, a antiga Capela de Viamão foi reconstruída. Sua aparência ficou parecida com as características de um forte, e ela se tornou uma importante expressão da arte barroca portuguesa. O projeto foi idealizado pelo engenheiro, arquiteto e militar português José Custódio de Sá e Faria, a quem também é atribuído o projeto da Catedral de Montevidéu, bem como dos fortes de Santana do Estreito e de São Francisco, em Santa Catarina.

Devido à sua importância histórica, social e cultural, a igreja foi tombada em nível nacional e considerada patrimônio cultural brasileiro pelo decreto de julho de 1938. Ela faz parte do primeiro lote de tombamentos do Brasil realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Além disso, é a segunda igreja mais antiga do estado do Rio Grande do Sul, sendo considerada, portanto, um dos símbolos mais significativos da identidade local.

“A construção da igreja foi um marco, um divisor de águas. Ali concentram-se os fiéis, os não tão fiéis e pessoas que querem rever os amigos e conhecidos. A igreja não teve apenas uma importância social, mas influenciou na economia e na cultura da região, pois o desenvolvimento da cidade aconteceu em torno da igreja”, aponta a comunicadora e tradicionalista gaúcha Janaína Mendes. Janaína cresceu envolvida pelo movimento tradicionalista de Viamão. Foi colunista do jornal *O Eco* e da *Gazeta de Viamão*, além de ter apresentado programas sobre a cultura viamonense na rádio comunitária Alternativa FM. Ela ressalta o papel da Igreja Nossa Senhora da Conceição, não apenas “por fazer parte da história de Viamão, mas também por fazer parte do movimento tradicionalista da cidade”.

O tradicionalismo gaúcho também tem uma importante relação com a fé, e, muitas vezes, não se distinguem. “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e, com licença Patrão Celeste,

vou chegando enquanto sorvo o amargo das minhas confidências; [...] ouve, Patrão Celestial, a oração que te faço, ao romper da madrugada e no descambar do sol; tomara que todo mundo seja como irmão”. A Oração do Gaúcho foi escrita pelo bispo Dom Luiz Felipe de Nadal e traz a marca do povo e da sua religiosidade. Outro exemplo dessa relação é o CTG Capela Grande. O nome inicial da capela de Viamão foi colocado em homenagem aos serviços prestados pela instituição. A Igreja Matriz de Viamão, portanto, influenciou na construção da fé e das crenças da comunidade viamonense. Isso aconteceu de tal forma que não se encontra um único livro, documento, folhetim, jornal ou arquivo datilografado sobre a história do município que não fale da igreja.

A igreja Nossa Senhora da Conceição possui, aproximadamente, 45 metros de comprimento e 13 de largura, além de um metro e meio de espessura em cada uma das paredes. Essas características estruturais não são mera coincidência, porque durante o período entre guerras, em especial na Revolução Farroupilha, ela foi utilizada como refúgio para os combatentes. Por isso, muitas histórias estão marcadas naquelas paredes. Alguns, inclusive, dizem que há muitos ossos em baixo da construção.

Uma história curiosa, e que diz respeito ao próprio nome de Viamão, conta que do alto da torre da igreja é possível ver o Rio Guaíba, com seus afluentes, formados pelos rios Gravataí, Jacuí, Caí, Taquari e dos Sinos, e, juntos, se assemelham à imagem de uma mão espalmada. Daí a exclamação original de “Vi-a-mão!”. No entanto, não pude verificar se é ou não verdade a afirmação, pois a igreja não me deixou subir na torre. Aliás, nenhum dos representantes que estavam na igreja, no dia em que fui pesquisar sobre ela, quiseram falar sobre a história da instituição. É estranha, também, a postura negativa dos administradores ao impedir as pes-

soas de olharem os espaços da igreja. A desculpa, no entanto, há anos é a mesma: “estamos em obras”.

A praça em torno da Igreja Matriz foi e continua sendo um ponto de encontro da cidade. Antigamente, era comum ver os casais de namorados se reunirem, ocorriam comícios políticos, aconteciam o enforcamento de escravos e criminosos, além de apresentações de bandas musicais. Também era onde se encontravam as autoridades, onde se amarravam os cavalos de quem vinha de longe para assistir à missa, participar de um casamento, ou, simplesmente, para rezar. Hoje em dia, ela é um dos principais pontos turísticos da região, embora nem todos conheçam a sua importância.

“Oh, velho templo da raça; ao verte sempre estremeço; vibro contigo de dia; e, à noite, adormeço. Quando rezo no seu seio; todo sofrimento esqueço.

Vem de Deus este consolo. Será mesmo que eu mereço?”. Francisco D’Ávila Flores, jornalista e poeta. O autor do poema Matriz de Viamão sempre admirou a cidade e transporta seus sentimentos para os versos e crônicas de sua literatura regionalista. De geração para geração, muitas histórias, crenças e lendas sobre a igreja foram preservadas, algumas, no entanto, não se sabe até que ponto são verdade. Há uma em especial, comentada por mais de um dos moradores da região, que fala sobre uma porta escondida perto do altar da igreja, contendo um túnel com saída para a praia da Argola. O túnel teria sido construído por escravos na época da fundação da igreja com o objetivo de servir como rota de fuga e, ao final, deixavam uma argola cravada como prova façanha bem-sucedida.

“O povoado açoriano veio para cá e qual a primeira coisa que ele fez? Ergueu uma capela. Então, a fé é real-

mente ampla e teve uma contribuição significativa para o município, seja pela parte histórica, seja pelo sentimento revolucionário, seja pelo ideal, seja pela parte religiosa, econômica e política. Afinal, existem diversos segmentos de fé e, com certeza, ela está envolvida em tudo”. Janaína Mendes, salienta a importância da crença e dá fé trazidas pelos povos colonizadores para o desenvolvimento da Igreja Nossa Senhora da Conceição. A fé transcende os sentidos religiosos, pois aparece como crença, como esperança, como forma de se agarrar à vida ou, muitas vezes, se torna importante justamente por quem não a possui mais. Portanto, a Igreja Matriz teve um papel crucial na construção social e cultural da cidade de Viamão, preservando muitas outras histórias que ainda esperam para serem contadas. **3x4**

No altar-mor, encontra-se a imagem de Nossa Senhora da Conceição, central. À esquerda, a de Nossa Senhora do Bom Parto e, à direita, a de Santa Rosa.



CARLOS ALBERTO, O FREI BETTO

ISADORA DUARTE E VINÍCIUS DUTRA

FRADE DOMINICANO, escritor com mais de 60 livros editados no Brasil e no exterior, aos 71 anos o mineiro Frei Betto permanece acreditando em uma fé ligada a libertação de condições políticas, econômicas e sociais. Um dos pioneiros da teologia da libertação e militante de movimentos pastorais e sociais, seu trabalho em prol dos direitos humanos, da paz e da justiça social é reconhecido nacional e internacionalmente com mais de 20 premiações e títulos.

Integrante da Ação Católica, grupo que se opunha ao regime militar, Carlos Alberto Libânio Christo foi preso duas vezes: em 1964 e no período 1969-1973, quando estava no Rio Grande do Sul e participava de uma rede clandestina formada pelos dominicanos para apoiar os insurgentes.

Fundador do Partido dos Trabalhadores, frei Betto foi integrante do primeiro mandato do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ajudou a organizar o Fome Zero. Além de ser sócio fundador do programa Todos Pela Educação. No currículo constam dois prêmios Jabuti (1982 e 2005), o principal prêmio literário do Brasil e ao curso de teologia somam-se os cursos de jornalismo, antropologia e filosofia.

Foto: Divulgação



3x4 Deus criou o homem ou homem criou Deus?

FREI BETTO Para quem tem fé, Deus criou o Universo e sua dinâmica evolutiva, da qual resultaram o homem e a mulher. Isso é sugerido na descrição da Criação no primeiro capítulo do livro do Gênesis. Para quem não tem fé, como Marx e Freud, Deus é uma criação da mente humana.

3x4 Que papel a religião desempenhou ao longo da história?

FREI BETTO As religiões são muito recentes na história da humanidade – apenas 6 mil anos antes de Cristo. Porém, desde que o ser humano existe, há cerca de 200 mil anos, há espiritualidade. As religiões são a institucionalização das espiritualidades, conforme descrevo em meu livro “O que a vida me ensinou” (Saraiva). E há espiritualidades sem religião, como o budismo, como há religiões que, infelizmente, deixaram de ser fonte de espiritualidade para se transformarem em mercados da fé, academias doutrinárias ou escolas de moralismo.

Ao longo da história as religiões ora foram libertadoras, como o Cristianismo nos três primeiros séculos de nossa era e a Teologia da Libertação na América Latina, ora foram opressivas, como a Inquisição.

3x4 A religião é uma forma de transcender o mundo terreno ou de dar sentido a ele?

FREI BETTO De dar sentido a ele. Aliás, Jesus não veio fundar uma religião ou uma Igreja. Veio lançar as sementes de um novo projeto civilizatório centrado no amor, na compaixão, na solidariedade. “Vim para que todos tenham vida e vida em abundância”, disse ele em João 10, 10. O Cristianismo, como religião, deveria exercer esse protagonismo de mudança radical do mundo da injustiça e da opressão.

3x4 As doutrinas religiosas foram estabelecidas como uma forma de criar condutas morais para a convivência coletiva?

FREI BETTO Todo grupo social, independentemente de religião, cria condutas morais para a sua convivência coletiva. Porém, no Cristianismo a conduta moral não é o prioridade, e sim a prática pessoal e social do amor, ou seja, da solidariedade, da partilha dos bens da Terra e dos frutos do trabalho humano.

3x4 Podemos dizer que, para Freud, Deus é uma criação da mente humana para suprir as insuficiências frente ao desamparo. A crença em Deus é uma maneira de dar explicações divinas a acontecimentos incompreensíveis pelo rosto humano?

FREI BETTO Para algumas pessoas, sim. Para mim, como descrevo em “Um Deus muito humano” (Fontanar), a crença em Deus não é uma questão de explicação do mundo, e sim uma experiência amorosa com o Transcendente.

3x4 Frei Betto, você acredita que há um mistério na vida para o qual qualquer resposta seria desonesta? Tentamos compreender a morte, por exemplo, utilizando as ciências ou até mesmo as religiões, mas não fica um fundo de incompreensão, um sentimento de resposta consoladora?

FREI BETTO Só vamos entender a morte ao atravessá-la. Ela é sempre um mistério. Exceto para quem, como eu, crê na ressurreição. Por isso não falo que uma pessoa morreu, digo que transvivenciou.

3x4 A pretensão das religiões é tentar dar sentido até a questões incompreensíveis?

FREI BETTO Não. A proposta das religiões, como descrevo em “Fome de Deus” (Paralela), é ligar o ser humano

com Deus. O vocábulo religião deriva de religar.

3x4 Seu pai, Antônio Carlos Vieira Christo, chorou ao descobrir que você ingressaria na ordem dos dominicanos. Foi difícil para você tomar esta decisão frente a um pai abertamente anticlerical?

FREI BETTO Não, sabia que teria que fazer uma opção e sabia que iria decepcioná-lo. Com o tempo, ele se tornou meu maior incentivador, sobretudo quando estive preso sob a ditadura militar, como descrevo em “Batismo de sangue” (Rocco).

3x4 Como você vê o ateísmo sendo um frei dominicano? A ausência de uma crença religiosa incomoda parte dos religiosos? Qual é a posição dos católicos frente aos ateus?

FREI BETTO Não qualifico as pessoas entre ateus e crentes, e sim entre os que amam e os que não amam. Tenho total respeito pelos ateus, e admiração aos ateus que amam o próximo e a natureza.

3x4 O fundamentalista segue à risca os preceitos que derivam da sua convicção. Em parte do ateísmo, podemos dizer que o preceito é não invocar a misericórdia divina nem em momentos de extremo perigo?

FREI BETTO Em momentos de extremo perigo não há preceitos...

3x4 A fé religiosa gera uma esperança de que há algo milagroso por vir no mundo?

FREI BETTO A fé me incute a convicção de que é melhor guardar o pessimismo para dias melhores.

3x4 No Brasil, circula certo sincretismo religioso, muito bem exemplificado em obras como “O pagador

de promessas”, de Dias Gomes. Entretanto, a intolerância com quem não cultiva nenhuma crença divina também prevalece. Como você explica que possa existir sincretismo e intolerância simultaneamente?

FREI BETTO Isso se chama democracia. O sincretismo é uma riqueza, a intolerância uma patologia.

3x4 Segundo uma pesquisa realizada pela Perseu Abramo em 2008, há um preconceito incutido em parcela conservadora da sociedade brasileira levando o ateísmo como um ato de imoralidade e falta de valores, por causa da ausência de princípios religiosos. Podemos dizer que os direitos dos ateus estão ameaçados ou o Brasil caminha para a livre liberdade de culto (ou da falta dele)?

FREI BETTO Conheço cristãos corruptos e ateus éticos. No Brasil já há livre liberdade de culto, felizmente.

3x4 A formação do Estado brasileiro contou, historicamente, com a influência da Igreja Católica. Na Constituição de 1891, o Estado tornou-se laico sem religião oficial. Entretanto, há uma parte da bancada evangélica que tenta transformar seu princípio religioso em lei. Como você compreende esse processo de tentar universalizar uma crença?

FREI BETTO Confessionalizar a política é um retrocesso. Não deu certo em mil anos de Idade Média e não dará no Brasil. A política e o Estado têm que ser laicos.

3x4 A sua ordem, a dos dominicanos, são conhecidos como os “cães de guarda da fé católica”. Como você lida com a ambivalência entre a pregação e o respeito às crenças ou ausência delas?

FREI BETTO Sem problemas. Vivo em uma sociedade plural, tenho ami-

gos e amigas ateus, judeus, muçulmanos, umbandistas, adeptos de tradições indianas etc.

3x4 A combinação entre a crítica marxista, sobre a exploração das massas, com a fé católica produziu a Teologia da Libertação, em meados de 1968. Entretanto, a frase célebre “a religião é o ópio do povo” foi escrita pelo teórico alemão. Qual a leitura que você empreende desse envolvimento entre crítica social e fé religiosa?

FREI BETTO Todos nós cristãos somos discípulos de um prisioneiro político, Jesus de Nazaré, como sublinho em “Um homem chamado Jesus” (Rocco). Jesus não morreu de hepatite na cama, e sim preso, torturado e condenado por dois poderes políticos.

3x4 Estamos vivendo em uma sociedade polarizada politicamente. O fanatismo religioso está colaborando para uma segregação onde a conciliação parece não entrar em jogo?

FREI BETTO Todo fanatismo divide e é perverso. Só haverá conciliação quando não houver desigualdade social.

3x4 Os políticos brasileiros compreenderam que acreditar em Deus, ou fingir acreditar, é bem visto pelo eleitorado. Qual sua posição diante da utilização da fé para barganha de votos?

FREI BETTO Uma ofensa a Deus e uma mentira ao povo. Como faziam os fariseus no tempo de Jesus.

3x4 Até onde a fé pode ir levando em conta os direitos humanos? Principalmente o direito do outro pensar diferente em relação a uma certa fé ou não expressar fé.

FREI BETTO A fé cristã tem que levar em conta os direitos humanos, inclusive o de liberdade de crença e o direito de ser ateu. **3x4**

AGRADECIMENTOS

SÓ PUDE VER, DE FATO, uma boa parte do resultado final quando da apresentação da Comissão Editorial, em nosso último encontro. Como assinei no meu editorial, o 3x4, nos últimos tempos, vinha perdendo algumas de suas características da fase inicial. Quero deixar registrado, no entanto, meu agradecimento a esta turma por esta edição que, em absolutamente nada, fica devendo ao que foi produzido nos primeiros números. Um agradecimento, em especial, aos alunos que aproveitaram esta oportunidade para uma demonstração, mesmo que com as limitações da Academia, para o exercício do jornalismo. Desejo a todos boa sorte na profissão, exercida com a perseguição da mais absoluta fidelidade factual, com intransigente espírito crítico e em uma permanente vigilância de todo e qualquer tipo de poder.

WLADYMIR UNGARETTI



Foto: Luiza Dorneles



